

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Diretor Paulo Moreira /// ano XXXVI /// Fevereiro de 2021 /// publicação mensal /// Gratuito

04 COVID-19

'Um sucesso pela coordenação inédita'

Num debate sobre vacinação, vice-presidente da UMP elogiou a coordenação entre SNS, Segurança Social e Misericórdias.

10 PONTE DA BARCA

Levar leitura à casa dos mais novos

A Misericórdia de Ponte da Barca está a levar livros às casas das crianças da creche e do jardim de infância.

26 CONFINAMENTO

Acolher os filhos dos profissionais essenciais

Diversas Misericórdias foram sinalizadas para acolhimento dos filhos dos profissionais considerados essenciais.

32 ÚLTIMA

Mais de 300 pessoas em webinar sobre PRR

A UMP promoveu webinar sobre Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) que esteve em consulta pública até 1 de março.

Pensar envelhecimento é um 'dever de todos'

05

A pandemia de Covid-19 colocou em evidência diversas fragilidades do apoio aos idosos em Portugal e refletir sobre o envelhecimento é um "dever de todos, um desígnio nacional", disse Manuel de Lemos, durante uma audição, por videoconferência, no Parlamento

22

PANDEMIA
ALIMENTAR FAMÍLIAS QUE ESTÃO SEM RENDIMENTOS

As Misericórdias tentam responder ao aumento de pedidos das famílias em situação de vulnerabilidade, por desemprego e quebra de rendimento decorrentes da pandemia. Os pedidos atingem proporções inéditas e nalgumas localidades já há listas de espera.

OPINIÃO



JOAQUIM BARBOSA

Combate à pobreza, um desígnio nacional



RUI ANDRÉ

Memórias (de)vidas perdidas nos números da pandemia



PAULO CAETANO

Pandemia e resposta social: mudança de paradigma



Kuduro para animar idosos confinados

O grupo “Kuduristas da Caparica” leva dança e sorrisos aos utentes da Misericórdia de Almada que estão em confinamento

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Almada Os “Kuduristas da Caparica” levam dança e sorrisos aos utentes da Misericórdia de Almada em confinamento, apoiados pelo Centro Social da Trafaria, no âmbito do projeto “Não estamos sós”. São jovens voluntários, entre os 24 e os 34 anos, dançam kuduro e afrohouse e estão unidos pela vontade de mudar o mundo e conquistar os corações dos “vovós” da Trafaria.

Diana Ramos, Gonçalo Silvestre, Joana Paula, Miguel Graça e Rafaela Schneider são conhecidos por “Kuduristas da Caparica”, nas redes sociais, onde se tornaram virais pelas suas coreografias

ritmadas e pela sua ambição desmedida em “espalhar magia e mudar a vida de muita gente”.

Todas as semanas, às segundas, quartas e sextas-feiras, surpreendem oito idosos com serenatas à janela, acompanhadas de conversas e momentos de afetos e boa disposição. As visitas são organizadas em escalas e previamente agendadas com os seniores de várias freguesias da Caparica, onde se incluem, até ao momento, Maria dos Anjos, Clarisse, Maria Domingues, Alzira, Libânia, Vicência, Manuel e Carlos, conhecido por “Capitão”.

De livre acesso, o espetáculo conta, em muitos dias, com espetadores da vizinhança, que assistem das suas janelas e varandas. Mas o objetivo, garantem, é não atrair aglomerados de pessoas que comprometam a segurança de todos. Por isso, além da autorização das autoridades policiais, dinamizam atuações de curta duração, com máscara e distância física entre dançarinos e utentes. Fazem-se também

acompanhar de uma coluna de música e de um repórter (Gonçalo Silvestre) que regista o momento para os cibernautas.

O que mais motiva estes jovens, contam-nos, é o “contacto de proximidade e o propósito de fazer a diferença na comunidade” (Rafaela), a “vontade de criar impacto a partir de uma rede local” (Diana), “manter a ligação com as vovós” (Gonçalo) e “colaborar envolver, trabalhar em parceria, com um propósito verdadeiro e autêntico” (Joana). Miguel Graça, professor, bailarino e coreógrafo, resume o impacto da experiência revelando que “as visitas acabam por ser uma terapia para eles por ajudarem a curar as dores físicas e as dores de alma”.

As parcerias fazem parte da identidade do Centro Social da Trafaria, como nos adianta a diretora técnica Sofia Valério. “O segredo é termos confiança nestas viagens que as parcerias nos propõem. As instituições, por vezes, caem no erro de achar que devem fazer tudo sozinhas,

mas trabalhar nesta área da intervenção social é, também, improvisar e estar aberto a parcerias. A inovação é feita assim, com alma e verdade, pelas pessoas certas”.

E esta parceria não é de agora. Iniciou com as lições gastronómicas aos turistas, no âmbito de uma colaboração com a empresa de turismo social “Varina” (gerida por Joana Paula), e estendeu-se às visitas à janela, no primeiro (março a maio de 2020) e segundo confinamento (janeiro e fevereiro de 2021).

O objetivo do grupo “Kuduristas da Caparica” a curto prazo (3 meses) é desenvolver um projeto piloto no concelho de Almada, com potencial de disseminação noutros locais do país que permita criar uma rede de parceiros a nível nacional (voluntários, escolas de dança e entidades como Misericórdias). Para o efeito, decorre até ao fim de fevereiro uma campanha de angariação de fundos na plataforma <https://ppl.pt/causas/kuduro>. **VM**

Cabazes de inverno para sem-abrigo

Amadora Um grupo de 24 alunos da Escola Luís Madureira criou 30 cabazes de inverno, com mantas, gorros, luvas, meias e cachecóis, para oferecer aos sem abrigo, no âmbito de um projeto educativo que congrega o ensino da geografia, tecnologia e cidadania. A iniciativa foi desenvolvida pela turma de 9º ano A, ao longo do mês de janeiro, e envolveu alunos, famílias e professores da escola da Misericórdia da Amadora, na angariação, montagem e distribuição dos cabazes ao grupo GMASA - Grupo de Milharado de Apoio aos Sem Abrigo.

Em declarações ao VM, a diretora da Escola Luís Madureira, Anabela Val, considerou a iniciativa “muito positiva” por proporcionar “momentos de partilha e experiências diferentes” e louvou a receptividade e consciência social dos jovens e famílias que aderiram ao projeto.

Margarida Piedade, professora de tecnologias da informação e comunicação, e Marta Maia, docente de geografia, acompanharam de perto os estudantes no desenho e execução do projeto e atribuem-lhes todo o mérito. “Funcionámos como uma fábrica, em que cada um assumiu o seu papel, e cada aluno escreveu um postal com uma mensagem motivacional para aquecer também os corações, que era o mote da iniciativa”, adiantou Marta Maia.

A acompanhar os cabazes de roupa, máscaras e desinfetantes seguiram mensagens de alento, carinho e esperança, escritas pelos jovens, desejando proteção, conforto e segurança neste momento de incerteza global: “nunca deixes de lutar por aquilo que gostas”, “muita sorte em tudo o que precisar”, “força e coragem para acreditar e fazer acontecer”, “dias melhores vão chegar”, “espero que este kit vos aqueça o coração e que vos faça acreditar que nada é impossível e que um dia irão suportar tudo o que estão a viver”.

Ao VM, Matilde Teixeira, uma das alunas e mentoras do projeto, partilhou a sua principal motivação na concretização desta iniciativa: “propus trabalhar com os sem-abrigo porque nesta altura de inverno são pessoas mais vulneráveis. Daí lembrei-me que se podiam fazer uns kits com mantas, luvas, meias, para lhes aquecer não só o corpo como também o coração”. 📍

TEXTO ANA CARGALEIRO DE FREITAS

Aljustrel Apoio para contratação de equipa

A Misericórdia de Aljustrel recebeu um subsídio extraordinário da Câmara Municipal. Em causa estava a necessidade de contratar mais profissionais para reforço da equipa do lar de idosos, que registou casos positivos de Covid-19. Segundo a autarquia, foram contratadas três pessoas a uma empresa de prestação de serviços na área. O objetivo desta ação era assegurar o bom funcionamento do lar de idosos.



DES Maia Malassadas para crianças do CATL

A equipa da rede de CATL da Misericórdia de Divino Espírito Santo da Maia, nos Açores, colocou as mãos na massa para fazer chegar às crianças malassadas “quentinhas e boas”. A primeira leva dos bolos foi entregue em mãos às famílias e com as medidas de segurança necessárias. Em nota publicada nas redes sociais, a instituição refere que “o dia foi vivido com entusiasmo, pois conseguimos estar um pouco mais perto dos nossos meninos”. A adesão das famílias superou as expectativas de tal modo que a equipa voltou a confeccionar as malassadas.

Lamego Sensibilizar a população para o cancro

A Misericórdia de Lamego aceitou mais uma vez o repto da Liga Portuguesa Contra o Cancro para aderir à campanha “Eu Sou e Eu Vou” que pretende mobilizar todos os setores da sociedade a mudar comportamentos, com vista a combater as doenças oncológicas em Portugal. No âmbito desta campanha, a sede da Santa Casa esteve iluminada com as cores laranja e azul, tonalidades oficiais da campanha.

NÚMEROS DAS MISERICÓRDIAS

20

A percentagem de idosos vacinados com mais de 80 anos está perto dos 20%. Os dados da DGS, divulgados a 23 de fevereiro, apontam para 19,3% de vacinados nesta faixa etária, com Lisboa e Vale do Tejo e região Norte a somar mais doses inoculadas.

500

Em 2021 são cinco as Misericórdias a celebrar 500 anos de existência: Álvaro, Freixo de Espada à Cinta, Redondo, Silves e Viana do Castelo.

5

A Santa Casa Misericórdia de Cascais tem apoiado 5 crianças do agrupamento de escolas Frei Gonçalo Azevedo no acesso às aulas online à distância.

EDITORIAL



PAULO MOREIRA
Diretor do Jornal
paulo.moreira@ump.pt

Cidadania e solidariedade

A pandemia que há mais de um ano afeta profunda e radicalmente o nosso quotidiano, tem-nos obrigado a repensar os alicerces e premissas em que sustentamos muitas das respostas e soluções que criámos, desenvolvemos e consolidámos para responder aos nossos problemas e anseios enquanto indivíduos e enquanto comunidade.

Com grande rapidez começámos a procurar, com maior ou menor imaginação, as respostas que nos permitissem as melhores soluções para lidar com a presente situação. Assistimos a uma fortíssima aposta nas novas tecnologias e nas infundáveis oportunidades que podem gerar, exploramos de forma consistente e inovadora o universo das comunicações nas suas vertentes individuais e organizacionais e, de um dia para o outro, introduzimos, praticamente em

Repensar o envelhecimento tem que ser um exercício inclusivo e criativo para termos um país que seja bom também para velhos

todo o globo, profundas alterações no mundo do trabalho.

O mundo está a mudar e mesmo quando, após o controlo da pandemia, retomarmos a normalidade, nada será como dantes em muitos aspetos.

Constatámos, por vezes de forma cruel, que as respostas para apoio aos idosos são frágeis, insuficientes e muito padronizadas. Torna-se, por isso, urgente e imperioso repensar o envelhecimento, o que como diz o presidente da UMP é um “dever de todos”.

Gostava que esta reflexão fosse feita de forma alargada, convocando saberes e especialistas de várias áreas do conhecimento, mas que integrasse também os próprios interessados. Envelhecer não implica perder direitos, deixar de ter opinião ou vontade própria. Repensar o envelhecimento tem que ser um exercício inclusivo e criativo de cidadania e solidariedade para termos um país que seja bom também para velhos. 📍

'Proximidade é um bálsamo precioso'

Francisco Na sua mensagem para assinalar o 29.º Dia Mundial do Doente, celebrado pela Igreja Católica a 11 de fevereiro, o Papa destacou o rosto de todos os que sofrem, vítimas de doença, solidão ou injustiças, e também a generosidade de todos os que cuidam destes rostos, de forma abnegada, próxima e inclusiva.

“A doença tem sempre um rosto” e “uma série silenciosa de homens e mulheres que optaram por fixar aqueles rostos, ocupando-se das feridas de pacientes que sentiam como próximo em virtude da pertença comum à família humana”, homenageou Francisco, referindo-se aos profissionais de saúde, voluntários, trabalhadores, sacerdotes e religiosos que se regem, na sua conduta diária, pelo “profissionalismo, abnegação, sentido de responsabilidade e amor ao próximo”.

Para o Sumo Pontífice, só essa proximidade, “bálsamo precioso, que dá apoio e consolação a quem sofre na doença”, gera uma “comunidade capaz de curar, que não abandona ninguém, que inclui e acolhe sobretudo os mais frágeis”.

Na reflexão partilhada no final de 2020, Francisco alertou ainda para as fragilidades dos “sistemas sanitários e carências na assistência às pessoas doentes”, tornadas evidentes com a pandemia, e sublinhou a necessidade de investir nos sistemas de saúde para garantir o acesso equitativo a esse “bem comum primário”. O acesso a cuidados de saúde, continuou Francisco, “depende das opções políticas, do modo de administrar os recursos e do empenho de quantos revestem funções de responsabilidade”.

Para o Papa, “uma sociedade é tanto mais humana quanto melhor souber cuidar dos seus membros frágeis e atribulados e o fizer com uma eficiência animada por amor fraterno”, que, na sua mensagem, deixa ainda um apelo: “Tendamos para esta meta, procurando que ninguém fique sozinho, nem se sinta excluído e abandonado”. 🗣️

TEXTO ANA CARGALEIRO DE FREITAS

Vila Alva Apoio para combater a pandemia

A Misericórdia de Vila Alva recebeu um apoio financeiro da Câmara Municipal de Cuba no valor de 10 mil euros. Em nota publicada nas redes sociais, o provedor de Vila Alva refere que “este apoio será fundamental para minimizar o impacto que a luta contra a pandemia de Covid-19 está a ter na nossa instituição”. João Santos deixou ainda um agradecimento à autarquia “por ter acolhido o nosso pedido de apoio e deste modo contribuir decisivamente para que o nosso combate a esta terrível pandemia possa continuar”.



Caminha Isentar as famílias da mensalidade

A Misericórdia de Caminha isentou os pais e encarregados de educação do pagamento da mensalidade, relativa ao mês de fevereiro, nas respostas sociais de creche e pré-escolar. A medida foi decidida depois de a instituição ter visto encerrado, a 22 de janeiro, o Centro Infantil, onde as duas respostas sociais funcionam. Em declarações à Rádio Vale do Minho, a Misericórdia de Caminha refere que esta é uma medida temporária e justa, tendo sido tomada “a pensar nas famílias afetadas por toda esta situação” pandémica.



Primeira fase da vacinação foi ‘enorme sucesso’ de coordenação

Para o vice-presidente da UMP, a vacinação em lares foi um sucesso pela coordenação inédita entre o SNS, Segurança Social e Misericórdias

TEXTO ANA CARGALEIRO DE FREITAS

Vacinação Manuel Caldas de Almeida, vice-presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), considera que a primeira fase do plano de vacinação contra a Covid-19 foi um “enorme sucesso”, pela coordenação inédita entre o SNS, Segurança Social, IPSS e Misericórdias. Num debate promovido pela TVI24 sobre vacinação indevida, o responsável destacou que eventuais irregularidades, embora

careçam de investigação, são pontuais e não devem sobrepor-se ao essencial: a coordenação e empenho na proteção aos mais vulneráveis.

“Estamos a dar atenção a detalhes que têm de ser avaliados, mas que não podem invalidar o enorme sucesso que foi a vacinação. Conseguimos pela primeira vez uma enorme coordenação entre o SNS, Segurança Social, IPSS e Misericórdias”, sublinhou Manuel Caldas de Almeida no debate transmitido no dia 2 de fevereiro e onde também participaram o presidente da CNIS, Lino Maia, o vice-presidente da Ordem dos Enfermeiros, Luís Barreira, o advogado Carlos Melo Alves e o comentador da TVI, Pedro Santos Guerreiro.

No decorrer do debate, Manuel Caldas de Almeida explicou que todas as decisões tomadas no terreno, que dizem respeito à ordem prioritária de



vacinação, foram articuladas com as entidades de saúde que prestaram apoio direto nos lares e unidades de cuidados continuados, nomeadamente os enfermeiros dos agrupamentos de centros de saúde (ACES). A este propósito, o vice-presidente frisou ainda que a norma da Direção Geral da Saúde (DGS) que regula a gestão de desperdício de vacinas apenas foi publicada no dia 30 de janeiro. Recorde-se que a vacinação em lares e UCC arrancou na primeira semana de janeiro.

“Uma das questões para a qual não estávamos preparados prende-se com os frascos da Pfizer darem para seis e não cinco doses, como inicialmente previsto. Em muitas instituições, sobraram 10 ou 15 doses e foi necessário acrescentar pessoas à lista, mas podemos dizer que, na larga maioria dos casos, prevaleceu o bom-senso”, exemplificou, adiantando ainda que o registo na plataforma nacional, disponível para o efeito, permite rastrear e comprovar eventuais irregularidades no processo.

Por fim, o vice-presidente da UMP lembrou que todas estas instituições “vivem no fio da navalha há 11 meses”, num regime de “pré-catástrofe” e que muitos dos dirigentes envolvidos são prioritários para o funcionamento destas instituições num “exercício permanente de dedicação e empenho”. “Estão em contacto com os profissionais, estão em contacto com os utentes e se essas pessoas adoecem, a instituição colapsa”. Por isso, reforçou Manuel Caldas de Almeida, a vacinação desses dirigentes não visa a proteção individual, mas sim assegurar o funcionamento institucional e sobretudo a prestação de cuidados aos utentes. **VM**

Pensar o envelhecimento é um ‘dever de todos’

Para o presidente da UMP, a pandemia colocou em evidência as fragilidades do apoio aos idosos e refletir sobre isto é um dever de todos

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Parlamento A pandemia de Covid-19 colocou em evidência diversas fragilidades do apoio aos idosos em Portugal, mas para o presidente da UMP, a matéria não é da exclusiva responsabilidade da UMP ou da CNIS. Refletir sobre o envelhecimento é um “dever de todos, um desígnio nacional”, disse Manuel de Lemos, durante uma audição conjunta a 4 de fevereiro, por videoconferência, da comissão parlamentar para o acompanhamento da aplicação das medidas de resposta à Covid-19 e do processo de recuperação económica e social.

Durante a audição, onde também o presidente da CNIS foi ouvido pelos deputados, Manuel de Lemos chamou a atenção para o subfinanciamento das respostas sociais destinadas aos idosos, destacando que, no quadro da pandemia, “se não fosse a cooperação com o governo, a situação seria catastrófica em Portugal”.

“Através dessa cooperação tem sido possível manter os idosos em lar razoavelmente protegidos. É preciso ter presente que os óbitos em lares em Portugal representam 28% do total dos óbitos no nosso país. É evidente que esses números não nos satisfazem porque quem morre nos nossos lares são pessoas que conhecemos e os números são muito frios, perdem esse sentido”, afirmou o presidente da UMP, destacando que depois de Portugal surge a Alemanha, com uma taxa de óbitos em lar na ordem dos 43%.

Reconhecendo que todas as medidas do governo para apoiar o setor solidário são “bem-vindas”, Manuel de Lemos recordou que são medidas transitórias. O que seria importante, continuou, seria uma reflexão conjunta com a sociedade portuguesa sobre um novo modelo de apoio à terceira idade. A maior parte dos lares está concebida para outra realidade, em termos de espaço e recursos humanos. O perfil dos idosos tem vindo a mudar e as políticas

públicas devem ser capazes de acompanhar essas mudanças, defendeu.

A pandemia, continuou o presidente da UMP, “evidenciou a nossa preocupação, mas também criou um novo mundo, com despesas que não tínhamos e que agora vão ser contínuas”, como por exemplo equipamentos de proteção individual e recursos humanos. “É fundamental termos médico, psicólogo, nutricionistas e mais enfermeiros, mas essa matéria não é da exclusiva responsabilidade da UMP ou da CNIS. Se queremos mesmo ter uma política pública de envelhecimento, o Estado tem de ser capaz de nos ajudar no financiamento”, disse Manuel de Lemos, reconhecendo ainda, à semelhança do presidente da CNIS, que os trabalhadores do setor solidário são mal pagos.

Citando um estudo da Universidade Católica, o presidente da UMP lembrou que em 2018 o financiamento público das respostas sociais rondava os 38%. Em 2021, “com tantas despesas relacionadas com a pandemia, esse valor deve rondar os 30% ou menos”. A este propósito, Manuel de Lemos disse que, para fazer face às despesas de funcionamento, as instituições vêm-se obrigadas a pedir maiores participações às famílias, razão pela qual muitos portugueses acabam por escolher lares ilegais.

O tema da vacinação foi igualmente abordado durante esta audição. Tanto Manuel de Lemos como Lino Maia garantiram que o processo, no geral, correu bem e que a maior parte dos lares já recebeu a segunda dose da vacina, sem registos de reações adversas que justifiquem preocupação.

A propósito da vacinação indevida, o presidente da UMP leu aos deputados um email oriundo de uma entidade pública dependente do Ministério da Saúde e com orientações claras para as instituições identificarem os dirigentes e profissionais a vacinar. “É um longo email, mas penso que resolve muitas das questões e revela que isto é um não assunto”, disse Manuel de Lemos.

Admitindo que os abusos são inaceitáveis e “põem em causa o bom nome de toda a gente”, o presidente da UMP apelou à calma. “Estamos a falar de portugueses que tratam de portugueses e essa palavra de tranquilização seria muito importante para cumprirmos um objetivo que todos temos que é salvar o maior número de vidas possível”, disse, subscrevendo palavras anteriormente proferidas por Lino Maia.

Momentos antes, o presidente da CNIS considerou ser fundamental uma palavra pública de reconhecimento aos dirigentes. “Quero pedir à Assembleia da República uma palavra para serenar os ânimos, porque há muitos dirigentes com vontade de recuar. É necessária uma palavra de respeito e encorajamento para que não haja uma debandada geral, porque sem estas pessoas nas instituições a situação seria muito pior”, disse Lino Maia. **VM**

Para o presidente da UMP, a pandemia colocou em evidência as diversas fragilidades do apoio aos idosos em Portugal



Há mais de **235 anos**
a criar jogos com fins sociais.

Séculos de boas causas.

Em 1783, a Rainha D. Maria I concedeu a exploração da primeira lotaria nacional à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Hoje, o Estado Português continua a confiar a exploração dos jogos sociais à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a sua oferta continua a ser sinónimo de responsabilidade, segurança e entretenimento. Devolvendo as suas receitas integralmente à sociedade, os Jogos Santa Casa continuam a ser um dos pilares das políticas sociais do país.

www.scml.pt

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

 **JOGOS**
SANTACASA

FRASES



Na Quaresma, estejamos mais atentos a 'dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam'

Papa Francisco
Na mensagem para a Quaresma de 2021



Se o teletrabalho não for um meio de novo parasitismo ou opressão, mas algo que se abra generosamente à liberdade de escolha, pode melhorar a nossa vida simultaneamente individual, coletiva e em família

António Barreto
Sociólogo
Em entrevista ao Diário de Notícias

FOTO DO MÊS

Por Misericórdia de Belmonte



BELMONTE **CORAÇÕES ARTESANAIS** **PARA RETRIBUIR AFETO**

Um pouco por todo o país, as Misericórdias celebraram o Dia de São Valentim, a 14 de fevereiro, com demonstrações variadas de afeto. Na Santa Casa de Belmonte (na foto), os utentes surpreenderam os funcionários com corações artesanais que traziam também uma mensagem: "Algumas pessoas têm o sol dentro de si, não se abalam com as tempestades e fazem questão de iluminar os outros". O objetivo desta iniciativa, refere nota da instituição, era retribuir o carinho de toda a equipa em relação aos utentes. Além dos corações, não faltaram cupidos para alegrar ainda mais o dia em que é celebrado o amor.

O CASO

Parcerias para valorizar património

Património A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) estabeleceu um protocolo de colaboração com a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e as Direções Regionais de Cultura (Norte, Centro, Alentejo e Algarve) para valorizar o acervo cultural e patrimonial das Santas Casas e mobilizar a população idosa para um papel ativo no fomento da cultura e história do país.

Ao abrigo desta parceria, que pretende contribuir para uma maior preservação e conservação do espólio patrimonial, mas também promover a sua divulgação, a UMP, a DGPC e Direções Regionais de Cultura vão desenvolver o projeto "Viver Património". Estas parcerias potenciarão igualmente a criação do museu virtual das Misericórdias.

O projeto "Viver Património" assenta num programa de voluntariado que pretende mobilizar, por todo o país, a população sénior para a dinamização de atividades culturais em

museus, monumentos e palácios, mas também para a abertura regular ao público de igrejas das Misericórdias. Logo que as condições sanitárias o permitam, os voluntários que aderirem a este projeto vão ter uma formação nos domínios da valorização e manutenção do património.

O projeto museu virtual das Misericórdias, que está a ser projetado numa parceria entre UMP e Santa Casa de Lisboa, é uma plataforma multimédia que permitirá a promoção e divulgação do património das Misericórdias, contribuindo para um maior conhecimento das Santas Casas.

Estes protocolos, que reforçam a parceria que já vinha a ser desenvolvida, representam um importante incremento ao trabalho que a UMP pretende realizar e será também reforçada a estratégia de divulgação do património arquitetónico das Misericórdias em plataformas multimédia como a visitportugal.pt do Turismo de Portugal.

Novos protocolos reforçam trabalho da UMP nesta área e vão contribuir para uma maior valorização do património cultural

A União das Misericórdias estabeleceu também um protocolo com a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB) para fomentar uma maior qualificação dos arquivos das Santas Casas e integrá-los na Rede Portuguesa de Arquivos, através do Portal de Arquivos, promovendo ainda a avaliação e o tratamento dos acervos documentais das Misericórdias.

EM AÇÃO

**Angra do Heroísmo
Formação
de 900 jovens
em 25 anos**

A Escola Profissional da Misericórdia de Angra do Heroísmo celebrou, no dia 5 de fevereiro, 25 anos de funcionamento. Num artigo publicado no Diário Insular, o provedor destaca o papel de “agente de desenvolvimento local e regional” desta escola onde foram ministrados 67 cursos e formados quase 900 jovens. No mesmo artigo, Bento Barcelos, que também é diretor da escola, deixa um agradecimento ao antigo provedor, António Marcos, e a todos os profissionais envolvidos neste projeto educativo.

**Condeixa-a-Nova
Recompensar
a entrega dos
trabalhadores**

A Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova entregou um vale de 50 euros em compras num supermercado local aos seus trabalhadores que, “corajosamente, estiveram na linha da frente desde o início da pandemia, nunca virando as costas ao trabalho e às dificuldades”. Segundo nota, “embora nenhum valor seja o suficiente para recompensar tamanha entrega, este foi um gesto de reconhecimento a quem esta instituição estará eternamente grata”. A iniciativa teve lugar a 3 de fevereiro.

**'Rugas de Esperança' para
combater o isolamento**

Projeto da Misericórdia de Ansião promove envelhecimento ativo junto de idosos que não estão abrangidos por outras respostas sociais

TEXTO **MARIA ANABELA SILVA**

Ansião O frio daquela manhã faz com que, desta vez, Angelina aguarde pela técnica da Misericórdia dentro de casa. Ainda na cozinha trocam as primeiras palavras. Ao lado, o marido Afonso segue-a, enquanto se encaminham para a sala onde decorrerá a atividade daquele dia do 'Rugas de Esperança'. Um projeto dinamizado pela Misericórdia de Ansião que pretende combater o isolamento social, através de atividades que estimulem o envelhecimento ativo, o convívio social e a estimulação cognitiva, mas também dando respostas a necessidades básicas dos utentes, como aviar receitas, apoio na organização da medicação ou acompanhamento a serviços.

“Hoje vamos ter música e dança”, anuncia Sónia Rodrigues, enquanto tira do saco os materiais que usará na sessão daquele dia: lenços, pauzinhos e um Ipad, através do qual o casal terá acesso aos exercícios preparados por Sílvia Ferrete, a animadora social da instituição. “O projeto procura também combater a iliteracia digital. Normalmente, fazemos videochamada com a nossa animadora, mas, desta vez, recorreremos a uma gravação”, conta a psicóloga, que serve de intermediária entre a animadora e os utentes, usando também estas sessões para perceber o estado anímico dos participantes.

Depois de um breve aquecimento, Sílvia explica a coreografia da música que se segue e, assim, que identifica a canção, Afonso começa a cantar. “O mar enrola na areia, ninguém sabe o que ele diz...”, repete, ao mesmo tempo que tenta replicar os movimentos. “Cada um vai até onde consegue”, incentiva a psicóloga, observando o esforço de Afonso para acompanhar a atividade. “O cérebro dele está quase parado há 20 anos. Sofre de Alzheimer e está completamente dependente de mim. Mas esforça-se.

Durante o dia, costuma pedalar [numa bicicleta fixa] para não ficar todo o dia no sofá”, conta a esposa.

Angelina e Afonso Costa, ambos com 74 anos, foram dos últimos a inscreverem-se no 'Rugas de Esperança', do qual tiveram conhecimento através de uma vizinha. Começaram há poucas semanas, mas já reconhecem as mais-valias do projeto, sobretudo porque “ajuda a quebrar a rotina”. “Estamos juntos há 55 anos. Já dissemos tudo um ao outro. Assim, passamos alguns momentos diferentes”, diz Angelina. E Afonso concorda: “Faz-nos bem”.

Teresa Fernandes, provedora em funções aquando da reportagem do Voz das Misericórdias – entretanto foi substituída por Filomena Valente –, conta que o 'Rugas de Esperança' surgiu na sequência de um outro projeto, o 'Pezinhos de Lã', que consistiu na distribuição de botinhas a idosos do concelho feitas por voluntários. “Apercebemo-nos que há muitas pessoas a viver sozinhas, sem acompanhamento de qualquer resposta social e algumas até sem visitas, porque não têm filhos ou porque estes estão longe.”



Cartas para combater a solidão

Oeiras Em tempo de pandemia, o grupo de visitantes da Misericórdia de Oeiras tem a sua atuação limitada a troca de correspondência e oferta de cabazes pontuais aos reclusos do Hospital Prisional de Caxias. Impedidos de fazer as suas visitas semanais ao estabelecimento prisional, os voluntários mostram-se presentes através da palavra escrita e de gestos de solidariedade.

“A nossa atividade está muito restrita e limitada, mas mantém-se a troca de correspondência, através de um apartado, criado há mais de 10 anos, que nos permite acompanhar as pessoas que queiram recorrer a nós para conversar ou para algum pedido. Continuamos disponíveis”, adianta a coordenadora do grupo de visitantes, Helena Mendes.

As visitas foram suspensas em março de 2020, devido ao estado de saúde frágil dos reclusos-doentes, mas nem por isso foi interrompida a ligação afetiva. Nas cartas que chegam do Hospital Prisional de Caxias surgem relatos de “isolamento e dificuldade de contactar a família, no fundo aquilo que sentimos cá fora, mas de forma extrema porque estas pessoas não estão confinadas como nós. E isto é muito agressivo para a saúde mental de qualquer sem humano”. Recomenda, por isso, apoio psicológico para estes reclusos em situação de dupla exclusão.

Apesar de alteradas, as novas rotinas não impedem os voluntários de transmitir afetos e manter as suas tradições anuais no Hospital Prisional de Caxias. Em dezembro, impossibilitados de cumprir a sua tradição de Natal (lanche partilhado e oferta de prendas), os visitantes uniram esforços e fizeram chegar perto de 140 cabazes aos reclusos, com agasalhos de inverno, um conto de Miguel Torga, um postal para escreverem à família e uma mensagem de um voluntário. De volta, receberam mensagens de gratidão como a que transcrevemos: “o mundo é bom quando há pessoas que pensam no bem-estar dos outros”.

Nos restantes meses do ano, o grupo constituído por 60 voluntários (idades entre os 20 e 70 anos) faz-lhes chegar roupa e material de escrita, em função dos pedidos do serviço educativo. O objetivo, garantem, é transmitir esperança, promover a reabilitação e reinserção social e combater a exclusão a que estão votados. **VM**

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**



Saúde A unidade da Misericórdia da Póvoa de Lanhoso foi criada para receber doentes Covid-19

Unidade já apoiou mais de 350 pessoas

Póvoa de Lanhoso Aberta desde 20 de novembro de 2020, a unidade de cuidados moderados, da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Lanhoso já prestou apoio a 348 pessoas com Covid-19. Instalada nas antigas instalações da residência universitária do Instituto Superior de Saúde (ISAVE), na vila, a unidade foi criada para libertar pressão sobre os hospitais da região. Durante o mesmo período também foram apoiados 26 doentes não-Covid.

Segundo comunicado da instituição, a unidade encontra-se neste momento totalmente esgotada. O acordo inicial, por 3 meses, previa uma utilização de 60 camas e a renovação do acordo com a Administração Regional de Saúde (ARS) do Norte é realizada mensalmente, em função das necessidades do momento.

A mesma nota refere que a Santa Casa da Póvoa de Lanhoso estabeleceu, no início do mês, um acordo com o Hospital de Braga para a prestação de serviços médicos de internamento de utentes não-Covid. O acordo prevê a utilização de 20 camas para este tipo de doentes.

“A Misericórdia da Póvoa de Lanhoso encontrou, assim, mais uma forma de dar corpo à sua missão, cooperando com o Estado no combate à pandemia”, conclui a nota.

Recorde-se que a unidade de cuidados moderados (UCM) da Misericórdia da Póvoa de Lanhoso foi montada em apenas uma semana. A residência onde está instalada a UCM foi cedida pela autarquia e em sete dias foi possível proceder à adaptação e medicalização deste espaço, com a capacidade de 80 quartos individuais com todos os equipamentos médicos e dispositivos necessários para o tratamento dos utentes, podendo, se a situação pandémica piorar, ampliar a sua capacidade até 160 camas.

A UCM representou um investimento na ordem dos 200 mil euros para a aquisição de equipamento variado e a contratação de 40 enfermeiros, 50 auxiliares de ação médica e 20 médicos. **VM**

Identificada a necessidade, a instituição fez uma candidatura ao Portugal Inovação Social e, também com o apoio de investidores sociais do concelho, pôs em marcha o projeto, que começou há cerca de um ano, mas que teve de ser adaptado devido à Covid-19. Melanie Dias, assistente social e coordenadora do ‘Rugas de Esperança’, explica que a ideia inicial era levar os utentes à instituição, para que pudessem participar nas atividades de animação e conviver com outras pessoas. “Tivemos de fazer alterações e, com recurso às novas tecnologias, levamos-lhes as atividades ao domicílio”, exemplifica, adiantando que a pandemia está também a condicionar o maior envolvimento de voluntários no projeto.

Mas, se a Covid-19 colocou obstáculos à operacionalização do ‘Rugas de Esperança’, por outro lado, tornou ainda mais evidente a sua necessidade. “Se antes essas pessoas já estavam sozinhas, agora estão ainda mais”, nota Teresa Fernandes, frisando que, além de estimular o envelhecimento ativo, através de atividades físicas, lúdicas e expressivas, o projeto dá resposta a algumas necessidades básicas dos utentes, ao nível, por exemplo, da organização da medicação ou do acesso a bens e serviços. “Procuramos ir ao encontro daquilo que cada participante precisa”, reforça Melanie Dias, que coordena a equipa multidisciplinar do projeto, que integra também o enfermeiro Pedro Alves. Para já, estão abrangidos 13 idosos, mas o objetivo é chegar aos 20. **VM**

Domicílio A ideia inicial era levar os utentes à instituição, para que pudessem conviver com outras pessoas, mas a Covid-19 obrigou à reformulação do projeto

'Incorpora' com mais duas Misericórdias

Empregabilidade As Misericórdias de Espinho e Campo Maior foram selecionadas, no início de janeiro, para fazerem parte do programa 'Incorpora', da Fundação La Caixa, juntando-se assim às congéneres de Albufeira, Maia, Évora, Porto e Vila do Conde na luta contra o desemprego de pessoas vulneráveis no território continental.

As Santas Casas de Espinho e Campo Maior passaram assim a pertencer à 'Rede Incorpora' e, para além de formação na metodologia deste programa, vão ainda receber uma contribuição a fundo perdido, no valor de 30 mil euros por ano, para promoverem ações que "melhorem a empregabilidade de públicos-alvo especialmente vulneráveis", refere nota da Misericórdia de Campo Maior.

Implementado em Portugal em 2018, o programa 'Incorpora' tem como objetivo principal promover a contratação por parte de empresas portuguesas de pessoas em risco ou em situação de exclusão social. Em 2021, e para dar "uma resposta rápida e eficaz à crise provocada pela Covid-19", o 'Incorpora' estendeu a sua rede de apoio a todo o país, aumentando de 44 para 58 o número de entidades apoiadas, refere comunicado da Fundação La Caixa.

Podem beneficiar do apoio da 'Rede Incorpora' jovens NEET (não estudam nem trabalham), desempregados de longa duração, com mais de 45 anos, ex-reclusos, ex-toxicodependentes, vítimas de violência doméstica, imigrantes, pessoas com deficiência ou incapacidade e, mais recentemente, pessoas cuja vida profissional foi afetada pela pandemia.

Em comunicado, a fundação explica que as entidades sociais que fazem parte da 'Rede Incorpora' "comprometem-se a dispor de um técnico de acompanhamento, responsável por dar apoio personalizado aos beneficiários, acompanhando-os antes e durante o processo de contratação, bem como de um técnico de prospeção empresarial, que deverá identificar e visitar empresas, procurando oportunidades de trabalho para os beneficiários".

O programa 'Incorpora', que conta com a colaboração do BPI e do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), criou, em 2020, 1333 postos de trabalho em Portugal continental, contando para isso com a colaboração de 508 empresas de norte a sul do país. 

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Cascais Obras para reabilitação da igreja

Já arrancaram as obras de reabilitação da igreja da Misericórdia de Cascais. A obra decorre no âmbito de um protocolo com a autarquia e visa a preservação do património histórico e cultural, fundamental para a reconstrução da memória coletiva de Cascais. Além da reabilitação da igreja, todo o espaço envolvente vai ser intervenção e vão também ser construídos equipamentos de apoio e um espaço museológico. O projeto contempla ainda a conservação e restauro do espólio de arte pertencente à igreja.



Viana do Alentejo Agradecer pelos cuidados aos idosos

O provedor da Misericórdia de Viana do Alentejo fez um agradecimento público às voluntárias da Cruz Vermelha que integraram a brigada de intervenção rápida que apoiou a instituição durante um surto de Covid-19. Na nota, Rui Pão Mole refere a "forma exemplar como trataram os nossos idosos, demonstrando sempre muito zelo, brio, interesse e total disponibilidade para o desempenho das tarefas que lhes foram confiadas" e faz "votos para que todas sejam recompensadas nas vossas vidas".



'Livros com asas' para levar leitura aos mais novos

A equipa da Misericórdia de Ponte da Barca está a levar livros às casas das crianças que frequentam a creche e o jardim de infância

TEXTO **JOANA DUARTE**

Ponte da Barca Estimular o interesse por livros é uma forma de educar, mas também de demonstrar carinho e afeto. Foi com esse objetivo que o Jardim de Infância e Creche José Carneiro Bouças, da Santa Casa da Misericórdia de Ponte da Barca, iniciou o projeto "Livros com Asas".

Esta iniciativa consiste na distribuição de livros às crianças que frequentam a instituição e que, devido ao confinamento geral do país, estão em casa, começando a acusar algum cansaço.

Como nos explicou Cidália Gonçalves, diretora pedagógica, "foram feitos relatos de crianças que já estavam cansadas de ouvir sempre as mesmas histórias, sendo que a atividade de leitura pela via digital não surtia o mesmo encantamento".

Além disso, a diretora explicou que "as crianças manifestam constantemente o desejo de regressar à escola" e como até ao momento não há conhecimento de quando acontecerá, "esta foi a forma que encontramos de nos aproximar das nossas crianças, fazendo-lhes chegar não só diversidade de livros, instrumentos lúdicos e pedagógicos, bem como a nossa presença que, apesar de fugaz, leva algum alento e sentimento de esperança a quem nos recebe". Até ao momento da abertura dos jardins de infância e creches, esta é a forma das crianças terem contacto com as educadoras, que eram presença diária na sua vida e que acompanham o seu crescimento.



Este projeto, apesar de muito recente, tem vindo a crescer e já abrange cerca de 60 crianças, sendo a maior fatia na faixa etária entre os 3 e os 6 anos.

O Jardim de Infância e Creche José Carneiro Bouças tem habitualmente nas suas propostas de atividades várias iniciativas que promovem o incentivo à leitura. A diretora pedagógica salientou que, “mesmo em período de confinamento”, a instituição inclui “a leitura de histórias e a exploração das mesmas como forma de promover os laços de afetividade e de valorização dos livros por parte das crianças e das suas famílias”. Para Cidália Gonçalves, “a enorme receptividade que surgiu com este projeto aumentou”, na equipa pedagógica, “o sentimento de obrigação e de necessidade de responder a este desafio, que é a promoção da leitura desde tenra idade”.

A forma “muito afetuosa” com que pais e crianças receberam esta iniciativa faz com que esta se mantenha, pelo menos até ao final do confinamento. A distribuição dos livros é também uma forma de “levar um pouco de alento e coragem para que as famílias continuem a enfrentar este desafio”. Os funcionários da instituição que fazem a distribuição das obras sentem o entusiasmo das pessoas, que demonstram “gratidão por não serem esquecidas” e, por diversas vezes, “acabam por fazer desabafos inesperados”.

Este período de pandemia tem marcado ao longo dos últimos meses a vida de todos. Cidália Gonçalves adiantou que, muitas vezes,

Ponte da Barca Apesar de recente, este projeto já abrange cerca de 60 crianças, sendo a maior fatia na faixa etária entre os 3 e os 6 anos

a equipa é confrontada com “emoções fortes e, por vezes, olhares inundados por lágrimas”, fruto “do risco da falta de emprego, da privação de contacto com as pessoas mais próximas ou simplesmente a falta de um abraço”.

O feedback por parte das crianças é de “muito entusiasmo e curiosidade para ver qual será o livro surpresa”, ficando à espera ansiosamente “como quem espera a chegada do Pai Natal”. É por isto, que esta equipa pretende “continuar a desafiar esta nova realidade”, com a certeza de que “esta foi uma excelente aposta”.

Este projeto conta com a parceria da Biblioteca Municipal de Ponte da Barca, “que se mostrou desde logo agradada e receptiva em colaborar” com a Santa Casa da Misericórdia, no empréstimo dos livros distribuídos.

“Livros com Asas” é uma iniciativa potenciadora do desenvolvimento das crianças e pretende proporcionar momentos de bem-estar em família, assegurando o enriquecimento na vida escolar e incentivando a imaginação e criatividade dos mais novos.

O Jardim de Infância e Creche José Carneiro Bouças acolhe perto de 100 crianças, com idades compreendidas entre os 4 meses e os 6 anos, tem como pressupostos educativos as interações escola-família e encara a criança como principal autor do seu crescimento e desenvolvimento através de uma aprendizagem pela ação.

Distantes, é certo, mas sempre com a missão de aproximar e de levar às crianças o melhor do mundo. **UM**

‘É essencial que a vacina chegue a todos’

Igreja A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) congratulou-se com o início da vacinação em Portugal e considerou, em nota partilhada com a União das Misericórdias Portuguesas, essencial que a “vacina chegue a todos, com justiça, cuidado e transparência, começando pelos mais vulneráveis, mas também pelas pessoas que, nas mais diversas instituições sociais e de saúde, são fundamentais para o seu funcionamento”.

Na nota emitida pelo Secretariado Geral a 4 de fevereiro, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) destacou ainda a importância do esforço coletivo no combate à pandemia e manifestou a sua confiança na “adesão de todos ao processo em curso para podermos recuperar da situação pandémica que estamos a viver”.

“Reafirmamos o necessário envolvimento de todos no combate à pandemia e a nossa certeza de que nenhum outro interesse deve ser colocado acima dos esforços conjuntos que somos chamados a fazer, para encontrar a melhor forma de utilizar os recursos que temos e assim superar a pandemia”.

No documento lê-se ainda que “os ministros e colaboradores da Igreja Católica em Portugal, sejam eclesiais ou leigos, têm acesso à vacinação como qualquer outro cidadão e seguem as disposições estabelecidas pelas autoridades competentes para as diversas fases deste processo”.

A nota do Secretariado Geral da CEP sobre o processo de vacinação contra a Covid-19 em Portugal pode ser lida na íntegra no site da UMP. **UM**

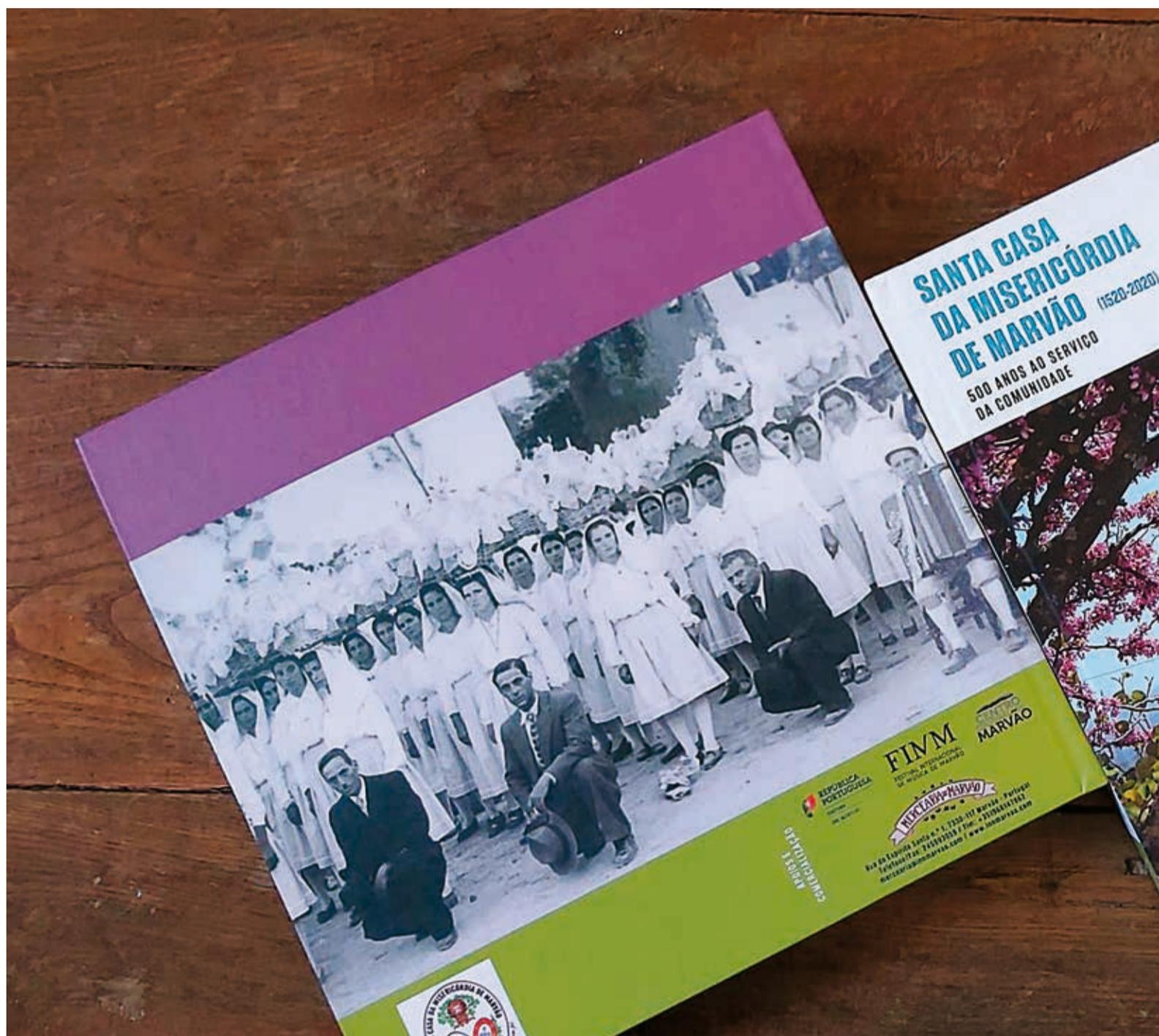
Constância Novo centro com apoio da autarquia

A Câmara Municipal de Constância aprovou por unanimidade a atribuição de um apoio de 50 mil euros à Santa Casa da Misericórdia para a construção do futuro Centro de Apoio em Montalvo. Segundo o mediatejo.net, o projeto já obteve parecer positivo por parte da Segurança Social, tendo sido também submetida uma candidatura a fundos comunitários, no âmbito do programa PARES 3.0. O novo centro vai nascer num terreno com cerca de 1000 metros quadrados que foi doado pela Associação Humanitária de Montalvo à Santa Casa.



Porto Parceria com a PSP para reforçar apoio

A Santa Casa da Misericórdia do Porto e os Serviços Sociais da Polícia de Segurança Pública (PSP) assinaram, a 4 de fevereiro, um protocolo que permite aos agentes da PSP e suas famílias aceder a uma série de serviços disponibilizados pela Santa Casa nas áreas da saúde, educação e envelhecimento. Ao abrigo do mesmo protocolo, os colaboradores, utentes e irmãos da Misericórdia do Porto poderão aceder, com condições especiais, a serviços de lazer e turismo geridos pela PSP.



Trabalho decisivo para a sobrevivência da vila

A Santa Casa da Misericórdia de Marvão editou um livro que ajuda a contar uma história que, em 2020, completou 500 anos

TEXTO **PATRÍCIA LEITÃO**

Marvão São mais de 430 páginas, compostas pela reprodução de inúmeras fotografias, documentos, relatos e factos de uma história com 500 anos de dedicação à comunidade, voluntariado e resiliência, que dão forma ao livro editado pela Misericórdia de Marvão para assinalar esta importante data.

Em 2020 a Santa Casa de Marvão completou 500 anos de existência e este marco foi assinalado com a edição desta obra, da autoria do Professor Doutor Domingos Bucho, que preserva e perpetua a história da instituição e a sua evolução ao longo dos séculos. Como refere o provedor, António Silvério, é um importante

contributo “para um melhor conhecimento e preservação da memória da instituição”.

O desafio de assinalar os 500 anos da Misericórdia com a edição de um livro partiu do autor em 2017, que se voluntariou para ajudar nesta tarefa, o que foi prontamente aceite pela Mesa Administrativa, que, segundo o provedor, entendeu “que seria uma forma de honrar o passado desta grande instituição, dando a conhecer o que foi meio milénio de trabalho ininterrupto ao serviço da comunidade”.

Falando do livro, o provedor refere que “resulta de um trabalho exaustivo de pesquisa e recolha de informações ao longo de três anos por parte do autor”. O resultado é uma narrativa “da história da nossa instituição desde o seu primeiro documento conhecido (1521) até aos nossos dias”.

A Misericórdia editou-o “porque a instituição merece, e quando digo instituição, refiro-me a todos e a cada um dos que sustentaram esta casa com o seu trabalho durante cinco séculos”, sublinha António Silvério, que manifesta o seu desejo de que “este aniversário dos 500 anos,

durante a atual pandemia, seja um momento especial de reafirmação da nossa presença, com coragem e com júbilo, junto dos que mais precisam, como sempre aconteceu”.

O autor, Domingos Bucho, explica ao VM que a motivação para escrever este livro esteve “no facto de a nossa Misericórdia perfazer, pelo menos, 500 anos, o que é uma idade extraordinária para qualquer instituição, ainda mais para este tipo de irmandades cuja missão é o trabalho solidário e voluntário. Não dei conta de qualquer interrupção, o que no caso de Marvão até seria compreensível, devido às dificuldades de toda a ordem que se tiveram de enfrentar para manter uma comunidade em sítio tão inóspito”, constata, frisando que “é por isso que podemos considerar que o trabalho da Misericórdia, ao longo da história, foi decisivo para a sobrevivência da própria vila”.

Relativamente ao processo de investigação que permitiu compilar toda a informação que podemos encontrar nesta obra, o autor relata que “aquilo que se salvou, da voragem dos tempos,



em termos documentais, e que há relativamente pouco tempo se salvaguardou com a constituição do Arquivo Histórico Municipal, a partir de 1998, permitiu este registo de memória”.

“A história faz-se com a leitura e com a interpretação de documentos, logo, é preciso que estes existam e estejam disponíveis”, defende Domingos Bucho, sublinhando que “o fundo documental da Misericórdia, disponível no Arquivo Histórico Municipal, permite, por exemplo, ler as atas da Mesa desde o século XVII, o que fiz, com toda a paciência e interesse durante três anos. Também os documentos da contabilidade e os tombos das propriedades existem em quantidade e substância, o que nos permite saber como se sustentava a casa economicamente e por que vicissitudes passou séculos fora. Relativamente a testemunhos orais, só para os tempos mais próximos, como é óbvio, mas eu usei destas fontes para o caso do asilo”.

Questionado sobre a importância de perpetuar através desta obra a história da Misericórdia de Marvão, Domingos Bucho refere que “a nossa identidade tem uma constituição dinâmica que resulta de uma envolvimento contínua do presente com o passado. Tentar compreender um sítio como Marvão, tão sui generis, ou um país como Portugal, de fronteiras tão antigas, sem ter presente a sua história, é uma impossibilidade”, assume o autor, denotando que “a história da Misericórdia de Marvão contribui de forma substancial para se compreender

este sítio tão rico de evocações do passado. E é a tudo isto que se chama cultura e património, que são a base do desenvolvimento turístico, setor fundamental para o futuro de Marvão”.

Assumindo que é “impraticável resumir o livro, ou seja, 500 anos de história, numa resposta a uma entrevista”, o autor adianta que se trata “de um volume de grande formato, com a reprodução de incontáveis fotografias e documentos antigos, que convida o leitor, por exemplo, a conhecer o que era um hospital, em Marvão, em tempos recuados, nomeadamente em tempos de guerra: como funcionava, que doenças predominavam, como se tratavam. Que alimentação se praticava e quem a confeccionava: imaginar-se-ia que se criaram porcos na cozinha no século XIX? Que funções tinha o hospitaleiro ou andante, que também encomendava diariamente as almas pelas ruas? Que particularidades tinha a função do enterramento dos defuntos e onde se praticava? Que apoio prestava a Misericórdia aos presos e aos “envergonhados”? De que vivia a Misericórdia? É possível conhecer as propriedades rústicas e urbanas de que a Santa Casa era proprietária? Pois o livro divulga-as todas. E sabia que a Misericórdia constituía como que a entidade bancária por excelência até ao século XIX, em termos de empréstimos? Quer saber os nomes dos principais mesários (provedores, escrivães e tesoureiros) que passaram pela direção? Pois é possível sabê-lo porque o livro os divulga, desde o século XVI”, conclui o autor.



Parceria Santa Casa e Centro Hospitalar de Leiria assinaram protocolo de cooperação

Cedência para reduzir listas de espera

Leiria “Demos tudo o que temos”. As palavras são de Carlos Poço, provedor da Misericórdia de Leiria, a propósito do protocolo que a instituição celebrou com o Centro Hospitalar de Leiria (CHL). Em causa está a utilização dos dois blocos operatórios do Hospital D. Manuel de Aguiar, da Santa Casa, por equipas do CHL para a realização de atividade cirúrgica programada, com o objetivo de reduzir as listas de espera.

Para o provedor, trata-se de “um importante contributo”, que partiu de um desafio lançado pela irmandade “prontamente” aceite pelo CHL. “Foi simples chegarmos a um entendimento, porque estamos todos imbuídos no espírito de colaboração e conscientes de que este combate tem de ser travado com união e solidariedade”, reforça Carlos Poço.

Além dos blocos, o protocolo prevê a disponibilização de 12 camas para recobro/internamento dos doentes. Trata-se de uma subcontratação de serviço, sendo que as cirurgias - nas áreas da ortopedia, urologia, otorrinolaringologia, ginecologia e cirurgia geral - são efetuadas pelos cirurgiões e anestesistas do CHL. Ao hospital da Misericórdia cabe garantir o serviço de enfermagem e acompanhamento médico necessário.

Durante a assinatura de protocolo, Licínio de Carvalho, presidente do Conselho de Administração do CHL, agradeceu a disponibilidade da Misericórdia, considerando que se trata de uma ajuda importante para reforçar a capacidade de resposta da instituição para doentes não-Covid.

Por seu lado, Rosa Marques, presidente da Administração Regional de Saúde do Centro, expressou a satisfação por “uma parceria tão virtuosa”, que “junta esforços com o objetivo de melhorar o desempenho” do sistema de saúde em benefício do doente.

A par deste protocolo, a Misericórdia estabeleceu uma outra parceria que prevê a disponibilização de 10 camas para receber doentes não-Covid enviados pela Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo. A instituição acolheu ainda 16 utentes que se encontravam no hospital em situação de alta clínica e que estão agora no Lar de Nossa Senhora da Encarnação.

TEXTO **MARIA ANABELA SILVA**

Mértola Solidariedade para vencer ‘luta desigual’

A Santa Casa da Misericórdia de Mértola expressou publicamente a sua “enorme gratidão a todos os que nos ajudaram durante o período mais difícil da história desta instituição, o surto de Covid-19 na resposta social ERPI”. Na nota divulgada, a instituição refere que “o apoio de particulares e empresas” teve “um grande impacto e marcou a diferença na vida da instituição, utentes e colaboradores”. Importa agradecer, refere a nota, porque sem essa solidariedade não teria sido possível vencer esta “luta desigual”.



Vale de Cambra ‘Lucas’ pela luta contra o cancro infantil

A Misericórdia de Vale de Cambra deu uma “mãozinha” ao Lions Clube de Vale de Cambra no Projeto Lucas ao ajudar a construir os “Lucas”. Segundo nota da Santa Casa, o projeto Lucas é uma iniciativa solidária que tem como objetivo a angariação de fundos para criação de bolsas de estudo de investigação na luta contra cancro infantil. “E que bonitos ficaram!”, refere a mesma nota, lembrando que os interessados em colaborar poderão contactar a Misericórdia ou Lions Clube de Vale de Cambra.

Mesão Frio Autarquia vai atribuir um subsídio anual

A Câmara Municipal de Mesão Frio, na reunião de 4 de fevereiro, deliberou, por unanimidade, atribuir um subsídio anual no valor total de 60 mil euros à Misericórdia local, que é a única instituição de solidariedade social do concelho a prestar serviços à população idosa. Segundo nota de imprensa, a medida visa colmatar as dificuldades financeiras agravadas com o combate à pandemia, bem como, prestar o apoio necessário na aquisição de bens e serviços necessários ao desempenho das suas funções.



Mala carregada de afetos para ‘Espalhar Esperança’



Louriçal Gincana para ‘mexer o corpo’ no Carnaval

O confinamento obrigatório tem obrigado as equipas a reinventarem o dia-a-dia nos lares de idosos, especialmente quando em causa está a celebração de datas especiais. Na Santa Casa da Misericórdia de Louriçal não é diferente e este ano, apesar de não haver bailes ou desfiles de Carnaval, o dia foi assinalado com uma gincana carnavalesca. Segundo nota da instituição, a iniciativa serviu para “para mexer o corpo” e “adoçar a boca” com um lanche especial.

A Misericórdia da Golegã está a desenvolver, há cerca de um mês, um projeto de animação para combater o isolamento social

TEXTO **FILIPE MENDES**

Golegã A Santa Casa da Misericórdia da Golegã está a desenvolver, há cerca de um mês, um projeto de animação para combater o isolamento social e que visa, também, dar resposta aos impactos sociais provocados pela pandemia de Covid-19.

Numa altura em que o confinamento é regra, a Santa Casa vai promovendo a exceção. “Com a pandemia, tivemos que encerrar, em janeiro deste ano, o nosso centro de convívio e foi nesse contexto que surgiu o centro de convívio ao domicílio, com o projeto que designamos por ‘Espalhar Esperança’. O principal objetivo é levarmos às pessoas algumas das atividades que eram dinamizadas nesta resposta social, para que as pessoas sentissem que continuam ligadas à instituição”, explica a VM Fernanda Oliveira, coordenadora da instituição.

Foi neste sentido que, desde o passado dia 24 de janeiro, as duas animadoras socioculturais afetas ao centro de convívio passam em casa de cada utente, duas a três vezes por semana, para a distribuição de livros, exercícios de estimulação cognitiva, manualidades, algumas informações da Direção Geral da Saúde, música ao vivo

e, ainda, uma refeição quente por semana, mantendo algumas das atividades favoritas dos utentes daquela valência.

O acolhimento desta iniciativa por parte dos utentes não podia ter sido melhor, como afirma Fernanda Oliveira: “já foram efetuadas mais de duas centenas destas visitas domiciliárias que ocorrem, por questões de segurança para todos, sempre no espaço exterior das residências e são sempre muito breves”.

Apesar dos contactos estarem limitados no tempo, fazem uma grande diferença. “Neste início de trabalho, com esta nova dinâmica, podemos referir que, quase a totalidade dos utentes, ficou satisfeito com esta proximidade e esta disponibilidade da parte da Santa Casa da Golegã”, diz a Fernanda Oliveira, que faz questão de salientar “a solidariedade” da maioria das pessoas abrangidas pelo projeto, que não anularam a sua inscrição no centro de convívio, mesmo com o seu encerramento e não sabendo que se iriam iniciar estas visitas domiciliárias.

“Julgamos que, com esta adaptação dos serviços, estamos a contribuir para atenuar um pouco este espírito que todos estamos a passar neste confinamento, que é a diminuição das nossas liberdades e a muita saudade de termos as nossas vidas de volta”, constata.

Rita Condeço, uma das técnicas destacadas para este projeto, não tem dúvidas de que estas visitas regulares têm sido altamente benéficas para todos: “o nosso objetivo foi o de fortalecer os vínculos com os nossos utentes para que eles continuem a se sentir acolhidos e motivados,

diminuindo os riscos, também, do desenvolvimento de depressões e de outros problemas. Muitas das vezes, as únicas visitas que têm somos nós. Este isolamento domiciliário, para muitos, tem significado a perda total do convívio social que nós tentamos, de alguma forma, atenuar”.

A equipa de profissionais do “Espalhar Esperança” desenvolve um planeamento semanal que inclui visitas domiciliárias nas quais são realizadas várias atividades e, sobretudo, escuta de necessidades. “Disponibilizamo-nos, ainda, para fazer compras de produtos alimentícios ou de medicamentos às pessoas que necessitem”, acrescenta.

Os idosos também recebem atividades pedagógicas para realizarem em casa com o objetivo de exercitar o desenvolvimento cognitivo e motor, “mantendo a mente ativa”.

“Uma das coisas que mais gostam são os kits para os bordados. Apesar de estarem em casa, continuam a trabalhar no ‘Artesanato Maria Avó’, uma marca da Santa Casa da Golegã, que consiste na ornamentação de aventais, toalhas, sacos, panos, bordando-se motivos alusivos à Capital do Cavalo, recriações das obras dos Mestres Martins Correia - de modo a imortalizá-lo - e outros motivos que recolhemos de gerações passadas”, explicou.

“Mais que uma terapia ocupacional, mais que uma forma de não deixar morrer esta arte, reaprendemos a estar juntos com otimismo, partilha de saberes, conversas, segredos e afetos”, resume Rita Condeço. **VM**

Vagas para apoio na luta à pandemia

Riba de Ave A Misericórdia de Riba de Ave atingiu a sua capacidade máxima de internamento, no dia 4 de fevereiro, com a disponibilização de 92 quartos a utentes oriundos de hospitais do Serviço Nacional de Saúde, para responder ao contexto de emergência sanitária de combate à pandemia. A Santa Casa está a prestar apoio a doentes Covid e não Covid agudos, desde 2 de dezembro de 2020, utilizando para o efeito as futuras instalações do Centro de Investigação, Diagnóstico, Formação e Acompanhamento das Demências.

Além do esforço que garantiu a abertura de 40 quartos em dezembro, 32 em janeiro e 20 no dia 4 de fevereiro, a dinâmica interna da instituição teve de ser ajustada de modo a garantir a distribuição eficaz de medicação, refeições, aprovisionamento clínico e não clínico, lavandaria e recolha de resíduos. Entre as mudanças, inclui-se ainda o recrutamento de profissionais de saúde (médicos, enfermeiros e auxiliares), totalizando já mais de 100 elementos.

Para Isabel Seixas, diretora-clínica adjunta “foi com um enorme esforço que conseguimos reunir equipas, numa ocasião de enorme sobrecarga laboral e que estivessem à altura do desafio que os tempos impõem, o de apoiarmos o Serviço Nacional de Saúde a conseguir dar resposta a uma luta desigual e que deixou os hospitais à beira do colapso”.

Este reforço da capacidade de internamento hospitalar permitiu aliviar a pressão existente nos hospitais da região, tendo, até à data, garantido a assistência a 250 doentes, nomeadamente 177 Covid positivos e 73 não-Covid agudos. Segundo Isabel Seixas, “os 92 quartos concebidos para o novo Centro de Demências albergam agora 60 doentes Covid-19 e 32 doentes não-Covid agudos provenientes de múltiplos hospitais e centros hospitalares que, deste modo, conseguem um alívio importante de pressão sobre a disponibilidade de camas de enfermaria”.

No comunicado enviado, a Santa Casa destaca ainda o apoio prestado aos doentes e famílias, no decurso do internamento, através do funcionamento do Gabinete de Apoio à Família que garante a comunicação, por videochamada, entre o doente e a família. “Estamos particularmente sensíveis à necessidade de visitas presenciais extraordinárias, em casos selecionados, quando os doentes se encontram nas últimas horas ou dias de vida”. 📞

Alvaiázere Agradecer aos voluntários que ajudaram

A Misericórdia de Alvaiázere agradeceu, através do Facebook, a uma equipa de voluntários, oriunda das Forças Armadas, da Brigada de Intervenção da Segurança Social e da Cruz Vermelha de Alvaiázere, que apoiaram a instituição num momento de grande “preocupação com o bem-estar e a saúde de utentes e colaboradores”. O dinamismo, responsabilidade, sensibilidade, generosidade, boa capacidade de trabalho em equipa e a adaptação a novas situações e desafios da equipa de voluntários foram salientados pela Misericórdia.



Oliveira de Azeméis Evocar afetos e reavivar as memórias

Na Santa Casa da Misericórdia de Oliveira de Azeméis os utentes do lar de idosos foram convidados a pintar lenços à mão. Uma atividade muito acarinhada por todos que teve, segundo nota da Misericórdia, o objetivo de “reavivar a tradição”, mas também de evocar “os afetos” dos utentes. Desta atividade resultaram “lindos lenços” que têm sinais “direcionados para as suas famílias”. O resultado final desta iniciativa pode ser visto num vídeo partilhado na página de Facebook da instituição.

Mais de duas mil Nánás apadrinhadas em 2021



Nánás A receita proveniente deste projeto é aplicada na aquisição de material para benefício dos utentes

A divulgação nas redes sociais e na imprensa tem contribuído para que em 2021 já tenham sido apadrinhadas mais de 2000 Nánás

TEXTO **VERA CAMPOS**

Ílhavo As Nánás da Misericórdia de Ílhavo continuam a sair da região de Aveiro e a espalhar carinho por todo o país. Em 2021, contam-se já mais de duas mil unidades apadrinhadas.

A divulgação nas redes sociais e na imprensa em muito têm contribuído para este número. Catarina Nunes, assistente social, contou ao Voz das Misericórdias (VM) que, logo após a reportagem do VM, “uma senhora na Azambuja apadrinhou Nánás, partilhou as fotos e a nossa história nas suas redes e, de repente, caíram imensas encomendas de Nánás”.

As Nánás também estiveram no programa 'A Nossa Tarde', da RTP, e no 'Olha a SIC'. Em ambas as presenças, a provedora da instituição sentiu o carinho imediato e o acolhimento para com o projeto.

Margarida São Marcos explicou-nos, ainda, que “através das Nánás, percebemos que poderíamos divulgar a nossa Santa Casa, as respostas e os serviços que temos em prol da nossa comunidade, as dificuldades que as instituições atravessam e falar sobre a importância que cada donativo faz no bem-estar dos nossos utentes”.

As encomendas superaram todas as expectativas e não deixam margem para qualquer dúvida. “Percebemos que as Nánás são mesmo um símbolo de solidariedade e de generosidade. E que assim como somos imensamente mimados pelos nossos padrinhos e madrinhas, também as nossas Nánás têm mimado quem as recebe. Quase todos os dias recebemos mensagens que nos roubam sorrisos e que nos aquecem o coração”, confidencia Catarina Nunes.

A provedora acrescenta que “é tão bom sentir que, neste tempo estranho em que vivemos, os afetos e o bem querer são realmente o que nos faz andar”. Numa altura em que a equipa de voluntárias está a trabalhar para que ninguém fique sem a sua Náná, a dificuldade está na disponibilidade de materiais. “Com o confinamento, tem sido muito difícil. As lojas estão fechadas e as fábricas em lay off. Daí também pedirmos paciência a quem encomendou as Nánás e que ainda não tem a sua”. A provedora lança o apelo: “Precisamos de um fornecedor de meias, um de enchimento e que estejam dispostos a colaborar connosco e serem parceiros deste projeto”.

Recorde-se que toda a receita proveniente do projeto é aplicada nas necessidades mais prementes da instituição, como material ortopédico, equipamento médico, instalações adaptadas. No futuro, o objetivo é apoiar na aquisição de uma viatura para o serviço de apoio domiciliário. 📞

IRS Solidário Contribuir através dos impostos

De norte a sul do país, as Misericórdias começaram a apelar à solidariedade dos portugueses através da consignação do IRS. Para ajudar estas instituições basta que ao submeter a declaração anual do IRS consigne 0,5% deste imposto, que iria reverter para os cofres do Estado, a favor da Misericórdia que pretende ajudar, bastando para isso colocar o número de contribuinte que lhe corresponde. Melhorar serviços e espaços são exemplos de como as Misericórdias têm vindo a utilizar as verbas angariadas através da consignação de IRS.



Moncarapacho Doação que vai ser útil para utentes

O Lar D. Maria Lizarda Palermo, da Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho, no Algarve, recebeu um donativo de toalhas, lençóis, pratos, entre outros artigos. A oferta foi feita pela União de Freguesias Moncarapacho-Fuzeta e pelo Vila Monte Farm House. Em nota de agradecimento publicada na página de Facebook do lar de idosos, a Misericórdia agradece a oferta e ressalva que os produtos “vão ser muito úteis para os nossos utentes”.

‘Memória que está em muitos objetos da palavra’

Com os espaços culturais fechados, Santa Casa de Coimbra aposta na digitalização e investigação do arquivo

TEXTO **VITALINO JOSÉ SANTOS**

Coimbra Os espaços culturais da Santa Casa de Coimbra estão encerrados ao público por causa do confinamento, mas continua-se a trabalhar na investigação histórica, cultural e patrimonial, prossequindo, entre outras atividades, com a digitalização do arquivo que, para a historiadora Maria José Azevedo Santos, é muito valioso. “Todo e qualquer papel ou pergaminho que ele guarda permite o respetivo estudo, seja de que natureza for”, sublinha.

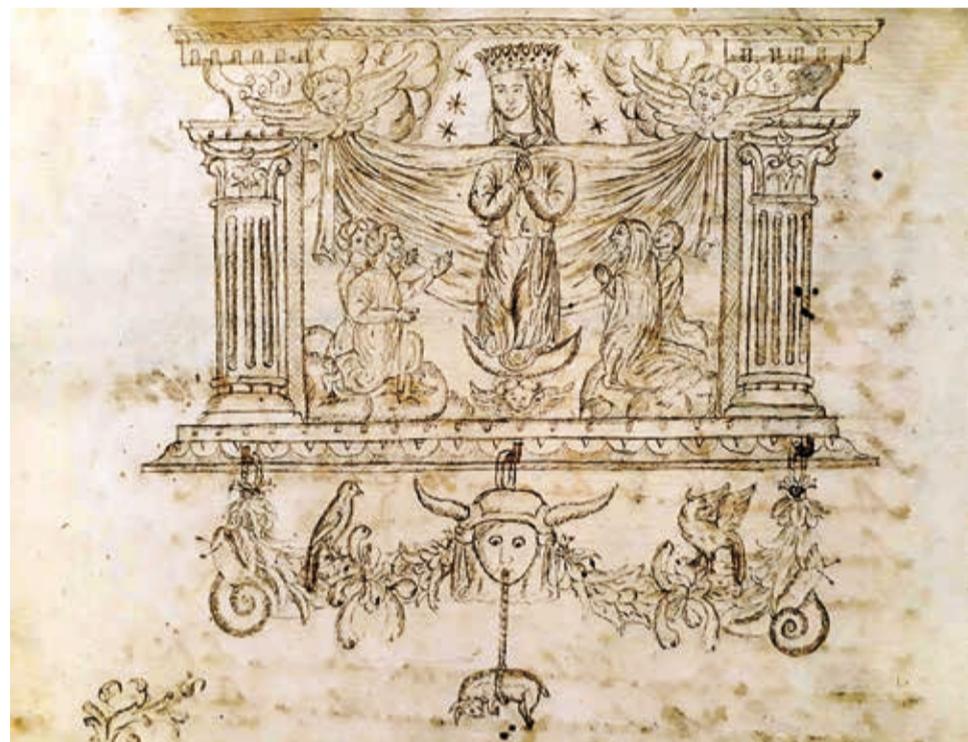
O primeiro responsável pelo arquivo da Misericórdia de Coimbra foi Armando Carneiro da Silva, que, como recorda Maria José Azevedo Santos, “era um homem de cultura, de memórias e um estudioso de Coimbra, também irmão da Santa Casa”. “Nessa qualidade, começou, de facto, não só a proteger este património de valor incalculável, como também a fazer pequenos trabalhos relacionados”, observa a especialista em Paleografia e Diplomacia, atual colaboradora da Misericórdia e que, entre 2003 e 2011, desempenhou o cargo de diretora do Arquivo da Universidade de Coimbra.

“Mais tarde, com o provedor Doutor Aníbal Pinto de Castro, o arquivo começou a ser quase uma prioridade, porque as Misericórdias são centros de memórias e, sobretudo, centros de atividade social e de bem para o próximo”, continua esta responsável, que em 2000 coordenou cientificamente a publicação “Memórias da Misericórdia de Coimbra – Documentação e Arte”.

Aludindo ao antigo diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e autor da obra “O Regicídio de 1908 – Uma Lenta Agonia da História”, publicada em 2008, evocativa do centenário das mortes de D. Carlos e do príncipe herdeiro Luís Filipe (assassinados em 1 de fevereiro de 1908), Maria José Azevedo Santos confirma que, enquanto provedor da Misericórdia, Aníbal Pinto de Castro “pensou no maior cuidado que o arquivo mereceria”.

Sobre o trabalho desenvolvido ao longo dos anos junto do arquivo, a investigadora destaca a “colaboração partilhada” com a historiadora Maria Antónia Lopes, cuja tese de doutoramento, intitulada “Pobreza, assistência e controlo social em Coimbra (1750-1850)”, foi defendida e publicada em 2000.

Maria José Azevedo Santos conta que essa investigação académica se baseou em múltiplos documentos do arquivo da Santa



Memória A ilustração de 1556, retratando a Virgem da Misericórdia, faz parte de um dos documentos preservados no arquivo da Misericórdia de Coimbra

Casa, principalmente “todos os pedidos dos pobres, daqueles mais pobres nos séculos XVIII e XIX”, a exemplo das mulheres abandonadas, viúvas e solteiras sem proteção e sem profissão, que – não sabendo escrever, solicitavam a outros que o fizessem – declaravam “não ter nada”.

“Era uma pobreza profunda, sobretudo uma pobreza no feminino”, nota a historiadora, considerando que “esses documentos são aqueles que mais tocam e dão conta da pobreza em Coimbra, nos séculos XVIII e XIX, os quais são muito chocantes, embora a pobreza seja de todos os tempos”. “São as petições de esmola, que vão do simples agasalho aos leites de bura para o tratamento da fraqueza e de várias doenças”, elucida.

Com uma carreira de investigação em torno da escrita, Maria José Azevedo Santos mostra “muita sensibilidade pela memória que está em muitos objetos da palavra, no seu sentido mais amplo”, daí o seu interesse pelos documentos

escritos produzidos e associados à Misericórdia de Coimbra desde a sua criação.

Atentos à evolução da grafia portuguesa ao longo de cinco séculos, os responsáveis pelo arquivo da Misericórdia conservam o documento mais antigo, datado de 1449 e que consiste numa carta de emprazamento escrita no ano da morte de D. Pedro, 1.º Duque de Coimbra, durante o reinado de D. Afonso, cognominado de “O Africano”.

“Esta casa, pela sua natureza, ao longo dos séculos, produziu milhares de documentos”, releve Maria José Azevedo Santos, mencionando que “há documentação recebida de vários centros de produção ou de chancelarias: documentos régios, episcopais, pontifícios e documentos de outras Misericórdias”, além dos provenientes das relações com os poderes concelhios (ou locais) e centrais.

A Misericórdia também protegia os peregrinos que iam para Santiago da Galiza, como na altura se dizia. No seu arquivo, deparamos com muitas “cartas de segurança ou de passagem” e outras formas de proteção, incluindo os donativos de dinheiro.

Maria José Azevedo Santos destaca ainda o interesse dos “livros, riquíssimos, sobre o que era consumido pelo Colégio de São Caetano, registando o que davam aos pobres”, tendo em conta a diversidade do “celeiro da Santa Casa”. “São, na maioria dos casos, livrinhos de contabilidade, de natureza administrativa, que aguardam (também eles) o estudo e a investigação”. **VM**

**Para historiadora,
‘todo e qualquer papel
ou pergaminho que ele
guarda permite o respetivo
estudo, seja de que
natureza for’**

Hotel vai ser convertido em lar de idosos

Fundão A Misericórdia do Fundão adquiriu, no passado dia 22 de janeiro, o Hotel Príncipe da Beira, junto à Serra da Gardunha, no Fundão, por 2 milhões e 900 mil euros. A ideia é transformar o edifício, que antes de ser hotel foi fábrica de fiação e seminário, numa estrutura residencial para pessoas idosas (ERPI) de última geração.

O futuro Hotel Sénior Príncipe da Beira, segundo o provedor, vai ser uma ERPI de referência “ao nível não só do equipamento, mas sobretudo na qualidade dos serviços, que já é grande nas demais estruturas da Misericórdia, mas neste caso queremos explorar toda a potencialidade e explorar uma oferta que não existe na região.”

Segundo Jorge Gaspar, a estrutura vai ter serviços médicos e de enfermagem em permanência, fisioterapia, terapia da fala, hidroterapia, exercício físico e animação sócio cultural diversificada.

A Misericórdia do Fundão apresentou uma candidatura ao PARES no valor de 3 milhões e 800 mil euros, com o objetivo de obter apoio para a aquisição e adaptação do edifício, mas, independentemente do resultado da candidatura o projeto vai avançar.

“A Misericórdia, se não tivesse capacidade, não teria celebrado a escritura, porque um negócio desta envergadura não é feito sem que previamente se façam os estudos financeiros. Precisamos de saber se há capacidade ou não para se pagarem os compromissos, nem as entidades financeiras financiam sem saberem se os equipamentos geram as receitas necessárias para aprovação dos compromissos.”

O Hotel Sénior Príncipe da Beira terá capacidade para 107 utentes, os primeiros 40 serão os utentes que atualmente estão no Lar de Nossa Senhora de Fátima, que vai sofrer também obras de adaptação para ser uma unidade de cuidados continuados em exclusivo.

A Santa Casa do Fundão vai dar uma nova vida ao edifício que já foi hotel, fábrica de fiação e seminário. Foi lá que estudou Vergílio Ferreira e é este o seminário que o escritor descreve no seu livro “Manhã Submersa”. A Misericórdia do Fundão escreve agora um novo capítulo na história deste secular e emblemático edifício, situado aos pés da Serra da Gardunha, nos arredores da cidade do Fundão.  

TEXTO **PAULA BRITO**

Baião Homenagem aos irmãos fundadores

A Misericórdia de Baião homenageou “os irmãos fundadores” da instituição no dia em que celebrou 88 anos, no passado dia 22 de fevereiro. Nas redes sociais, a Misericórdia manifestou a “perpétua gratidão para com os homens desta terra que, de forma empenhada e persistente, tornaram possível o nascimento desta instituição”. A Santa Casa de Baião foi fundada em 1933 e desde essa data, refere a mesma publicação, “a comunidade passou a contar com apoios para aquilo que é inultrapassável: a dignidade humana”.



Olhão Oferta para beneficiar os idosos

O Rotary Clube de Olhão ofereceu uma cadeira de rodas à estrutura residencial para pessoas idosas (ERPI) da Santa Casa da Misericórdia de Olhão. Em nota de agradecimento, a Misericórdia do sotavento algarvio elogia a “gentileza da importante doação”, referindo ainda que “a cadeira de rodas trará uma melhor qualidade de vida para os nossos utentes”. A Santa Casa da Misericórdia de Olhão apoia cerca de 344 pessoas por dia, contando para isso com mais de 90 colaboradores diretos.

CONTRATAÇÃO PÚBLICA



CARLOS JOSÉ BATALHÃO
Advogado especialista em Direito Administrativo

A alínea e) do n.º 1 do artigo 24.º do CCP e o ‘fornecedor único’

A escolha dos procedimentos de contratação pública faz-se, em regra, pelo critério do valor (artigos 17.º a 22.º), embora haja designadamente casos de “exclusividade do prestador”, em que se permite, independentemente do valor do contrato, recorrer ao ajuste direto (convite a uma única entidade).

Trata-se de casos em que, definidas e identificadas com rigor as necessidades que se pretendem prosseguir, se chega à conclusão, depois, que as prestações que constituem o objeto do contrato só podem ser confiadas a uma certa entidade porque: (1) o objeto do procedimento é a criação ou aquisição de uma obra de arte ou de um espetáculo artístico (note-se que o Tribunal de Contas exclui deste âmbito o domínio concreto da arquitetura, embora a doutrina divirja); (2) não existe concorrência por motivos técnicos; (3) é necessário proteger direitos exclusivos, incluindo direitos de propriedade intelectual (aqui distingue-se da contratação excluída do artigo 5.º, n.º 4 porquanto não está em causa a contratação de outra entidade que seja também adjudicante).

Ora, deve perceber-se que estes são casos absolutamente excecionais e que necessitam de ser muito bem e comprovadamente demonstrados, sob pena de, mesmo em caso de dúvida, a contratação ser ilegal.

São situações de verdadeira exclusividade, em que não existe alternativa ou substituto razoável, pelo que apenas existe no mercado

(nacional e comunitário) um “operador técnica, artística ou juridicamente capaz de realizar as prestações do contrato a celebrar”, conforme identifica Pedro Gonçalves.

Por outro lado, deve, ainda, perceber-se que a inexistência de concorrência não pode resultar de uma restrição desnecessária face aos aspetos do contrato a celebrar ou ter sido “provocada”, ainda que de forma indireta, pela própria entidade adjudicante, como tem assinalado, desde logo, o Tribunal de Contas. Citando Marco Caldeira, “esta configuração não pode, ela mesma, ser tendenciosa ou, por outras palavras, não deve a entidade adjudicante definir o objeto e as especificações do contrato ‘à medida’ de um determinado operador económico apenas com o intuito de o favorecer com a atribuição do contrato público sob disputa”.

Não é, portanto, uma identificação artificial do objeto contratual que pode levar a este ajuste direto independente do valor do contrato, como bem chama a atenção o Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE).

Mais, o próprio legislador europeu (ver Considerando 50 da Diretiva 2014/24/UE) também salienta a necessidade e o absoluto dever de fundamentação “especial”, através de explicações circunstanciadas (como o TJUE regista), de que o adjudicatário escolhido corresponde efetivamente ao único operador de mercado que pode executar aquele contrato, como refere Pedro Sánchez. Ou seja, a entidade adjudicante tem de demonstrar a infungibilidade do adjudicatário, como lhe chama Pedro Gonçalves; o mesmo é dizer, é absolutamente necessário demonstrar que não existem alternativas ou substitutos razoáveis para aquela prossecução dos interesses públicos em causa, não resultando de uma restrição desnecessária.

Uma possibilidade de contratação intuitu personae a reclamar especial cautela.  

Deve perceber-se que estes são casos absolutamente excecionais e que necessitam de ser muito bem e comprovadamente demonstrados

Farmácia com serviços de proximidade

Vila Verde A pandemia veio prejudicar a vida quotidiana, especialmente das pessoas doentes e de idade mais avançada. Dificuldades de locomoção, seja por problemas de saúde ou questões meramente logísticas, tornam o simples ato de ir à farmácia num autêntico e arriscado desafio. Em Vila Verde, a farmácia da Misericórdia decidiu ajudar. Os medicamentos podem ser encomendados e levados ao domicílio sem quaisquer custos extra para os seus utentes em toda a dimensão do concelho.

Liliana Gomes, coordenadora da farmácia, explica que a iniciativa nasceu pouco depois do fim do primeiro confinamento, em maio do ano passado. Em média, são feitas entre 20 e 30 entregas por mês, aproximando-se de quase duas centenas de encomendas e muitos domicílios visitados.

“Uma das maiores dificuldades é a divulgação deste serviço”, relata a responsável. Aos poucos, contudo, a adesão tem se alargado e o feedback recolhido indica que entre os principais utilizadores do serviço estão idosos, fragilizados ou isolados, sem familiares próximos, sendo comum dependerem só deles próprios. O objetivo primordial é evitar as deslocações e também o aglomerar de pessoas no estabelecimento.

Basta que o utente contacte a farmácia. Informada a medicação necessária, esta é levada em 12h à residência do interessado. O pagamento é acautelado e pode ser feito também, se necessário, com o cartão.

As facilidades, porém, vão mais longe. A farmácia criou ainda o PIM (Sistema de Preparação Individualizada de Medicação) pensando nestes utentes com maior grau de dependência e com dificuldades em gerir a toma da medicação, que podem envolver diferentes comprimidos. Tendo como meta reduzir os erros na administração dos fármacos, os comprimidos são previamente preparados e acondicionados em embalagens descartáveis, facilitando a indicação das periodicidades de administração dos mesmos, evitando a duplicação ou o esquecimento. Duas iniciativas que promovem um relacionamento de maior proximidade e humanização com os utentes. 📞

TEXTO **ALEXANDRE ROCHA**

Vouzela Carta para dar abraço à distância

A Misericórdia de Vouzela convidou os filhos dos utentes a “dar asas às palavras” e a escreverem uma carta para os pais. A ideia é, segundo a instituição, “que todos os filhos dos nossos utentes possam deixar uma carta ao seu pai” para que seja entregue, preferencialmente, dia 19 de março, Dia do Pai. Segundo a Santa Casa, esta iniciativa pretende ser “o abraço e o beijo que a distância não permite” dar. As cartas podem ser entregues até ao final do mês de março na caixa do correio que foi colocada no espaço “ConVida”.



Amares Apoio para continuar até dezembro

O projeto “Aproximar Amares”, da Misericórdia de Amares, foi mais uma vez premiado pela iniciativa Gulbenkian Cuida que decidiu “conceder um reforço financeiro e a capacitação das equipas técnicas dos projetos que mais se destacaram pelo número de pessoas apoiadas”. Este reforço visa contribuir para a diminuição dos impactos negativos da pandemia na vida de todos os idosos em situação de isolamento social e vai permitir a continuação do projeto da Santa Casa até dezembro de 2021.



Entrega de bens essenciais para quem não pode sair

A Misericórdia de Penalva do Castelo criou um serviço para ajudar pessoas em isolamento ou com dificuldades de deslocação

TEXTO **ISABEL MARQUES NOGUEIRA**

Penalva do Castelo A Santa Casa da Misericórdia de Penalva do Castelo, no distrito de Viseu, criou um serviço gratuito de apoio para refeições ou compras de bens de primeira necessidade. O objetivo desta iniciativa é ajudar pessoas em isolamento ou com dificuldades de deslocação e, ao mesmo tempo, combater a transmissão do novo coronavírus no concelho.

A provedora contou ao VM que foi um ato de voluntariado que alcançou todo o concelho. A Misericórdia já tinha os recursos e entendeu

colocar os serviços ao cuidado da comunidade que estava a necessitar naquele momento”, adiantou Joana Cardoso.

A ideia surgiu porque “houve necessidade de prestar apoio a dois ou três idosos no apoio domiciliário e, obviamente, não abandonámos os utentes só porque estavam com Covid-19. Continuámos a prestar o apoio com uma só profissional afeta a esse tipo de cuidados”. Quando os casos de Covid-19 começaram a aumentar, a Santa Casa decidiu alargar esta ajuda à comunidade e por isso deu-se início à divulgação, através de cartazes e redes sociais, dos contactos para que, quem precisasse, entrasse em contacto por telefone ou por correio eletrónico.

Sem qualquer custo para os beneficiários, “isso nunca foi sequer equacionado”, este apoio passou a ser assegurado por um grupo de quatro colaboradoras que “tinham estado positivas há



Voluntariado para ajudar os pais que estão na linha da frente

Em parceria com as Santas Casas de Almeirim e Santarém, voluntários estão a fazer babysitting dos filhos dos trabalhadores essenciais

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Voluntariado A Re-Colour Santarém, em parceria com as Misericórdias de Almeirim e Santarém, lançou o projeto “Pequenos Heróis – ficamos com os teus para cuidares dos nossos!”, um serviço de babysitting presencial ou online, gratuito, para os filhos de profissionais essenciais.

São jovens com idades entre os 16 e os 21 anos, têm flexibilidade de horários, fazem parte do Re-colour Santarém (uma plataforma online que agrega jovens voluntários) e decidiram doar o seu tempo para ajudar os trabalhadores essenciais com um projeto de babysitting gratuito. O objetivo desta iniciativa, que começou a funcionar no dia 8 de fevereiro, é prestar apoio a crianças e jovens que não podem frequentar as creches ou escolas de acolhimento.

Teresa da Cunha, voluntária responsável pelo projeto, explicou ao VM que a iniciativa surgiu porque “alguns voluntários já faziam babysitting” e aperceberam-se que “as famílias estavam a precisar de muito mais horas de serviço para fazer face ao fecho das escolas”, situação que deixou muitos pais sem apoio para os filhos.

Com esta iniciativa o grupo de voluntários “quer apoiar estes pais, para que possam descansar e ir trabalhar com a certeza de que os filhos estão a ter apoio e não ficam sozinhos em casa”, referiu.

Todos os dias os voluntários deslocam-se a casa das famílias onde acompanham as crianças durante o período de teleescola, ajudam a fazer os trabalhos propostos pelos professores, brincam, ajudam com alimentação e garantem que estas crianças



Babysitting A iniciativa é gratuita e funciona durante o estado de emergência

não ficam sozinhas e estão em segurança.

“É um serviço seguro”, assevera Teresa da Cunha. “Usamos sempre máscara e tentamos manter distâncias”, além disso todos os voluntários têm um seguro e passaram “por um processo de seleção” antes de iniciarem o trabalho, seja online ou presencial, explicou.

Durante a conversa com o VM, a voluntária relatou que quando lançaram o projeto, no início do mês de fevereiro, foram contactados por alguns pais “a dizer que os filhos estavam há muitos dias sozinhos em casa” o que levou o grupo “a ter mais força para continuar, porque queremos evitar estas situações”.

Para a diretora geral da Misericórdia de Almeirim, parceira nesta iniciativa, o que motivou a adesão ao projeto foi a possibilidade de colmatar uma lacuna no serviço que está a ser prestado aos profissionais que têm filhos e têm de continuar a trabalhar em pleno estado de emergência. “Há muitos pais que não se conseguem enquadrar nos requisitos para que os filhos frequentem a creche de acolhimento ou nos horários da creche e nós tínhamos mesmo de ajudar os pais que estão na linha da frente, eles precisam de estar a trabalhar tranquilos, com a cabeça sem preocupações”, disse Helena Duarte.

O “Pequenos Heróis – ficamos com os teus para cuidares dos nossos!” é um serviço que vai funcionar durante o estado de emergência apenas com voluntários residentes da zona de Santarém que se disponibilizaram, gratuitamente, para ajudar a cuidar dos filhos dos profissionais da linha da frente. Para usufruir deste serviço, os interessados devem contactar as Misericórdias de Almeirim ou Santarém, mediante a sua localização geográfica. **VM**

pouco tempo e, portanto, à partida tinham um grau de imunidade maior”, disse.

Segundo Joana Cardoso, como estas colaboradoras tinham passado pela doença, além da imunidade, também “sabiam do que se tratava, dos cuidados a ter e isso até facilitava na compreensão e até na própria adesão” por parte desta equipa. A propósito dos casos positivos, a provedora esclareceu que, até à data, os espaços da Misericórdia de Penalva do Castelo “não tiveram nenhum surto de grandes dimensões”, houve sim “casos pontuais que não estavam ligados entre si”.

“Aconteceu dois ou três casais estarem infetados e precisaram de refeições, então nós levámos a casa deles, em kits descartáveis para não haver qualquer risco de transmissão”, contou.

Houve ainda quem pedisse compras de primeira necessidade por não poder sair de casa, quer por estar infetado ou em isolamento

profilático, e também foram apoiados idosos residentes em lares de outras instituições. “Eram pessoas que estavam noutras lares e que foram passar o Natal a casa e ficaram positivos e o lar não os aceitava enquanto estivessem positivos”. As restantes estruturas residenciais para pessoas idosas (ERPI) do concelho também não as aceitavam e, por isso, a Misericórdia de Penalva do Castelo não pensou duas vezes em prestar apoio a estes cidadãos que estavam em casa sem apoio de retaguarda.

Atualmente, a equipa não está a prestar apoio a ninguém, mas “está disponível caso surja algum pedido” quer por parte da população, quer por parte da proteção civil municipal de Penalva do Castelo, como chegou a acontecer no pico de maior número de casos no concelho que chegou a estar em risco extremo.

“Sabemos os riscos que estávamos a correr e, por isso, tínhamos todos os cuidados”. Além da carrinha afeta exclusivamente a este apoio, as colaboradoras que aderiram cumpriam, antes de entrar na instituição, todas as medidas de segurança previstas no plano de contingência.

Sabiam e sabem porque o serviço continua disponível para a comunidade do concelho de Penalva do Castelo. Apesar de neste momento não estarem a prestar apoio a ninguém, o voluntariado da instituição continua “no sentido de mitigar e ajudar a diminuir a evolução atual da transmissão do vírus” SAR-CoV-2, que provoca a Covid-19. **VM**

Houve quem pedisse compras de primeira necessidade por não poder sair de casa e também foram apoiados idosos de outras instituições

“Tínhamos mesmo de ajudar os pais que estão na linha da frente, eles precisam de estar a trabalhar tranquilos”



JOAQUIM BARBOSA
Provedor da Misericórdia de Almada

Combate à pobreza, um desígnio nacional

Há uns anos, ouvi uma grande senhora da Segurança Social, Dr^a Joaquina Madeira, dizer que “antes do 25 de abril não havia pobreza em Portugal; só havia pobres”.

Isto resume a evolução que ocorreu com a aprovação da Constituição de 1976 e as sucessivas alterações, fazendo evoluir Portugal de um Estado supletivo para um Estado garante, ao determinar que incumbe ao Estado organizar, coordenar e subsidiar um sistema de segurança social (art 63^o, 2). Desde o alvorecer da nossa democracia que o combate à pobreza foi assumido como desígnio do Estado, tendo-se assumido que isso não se faria por atuação exclusiva dos serviços públicos da Segurança Social, mas em cooperação com entidades privadas sem fins lucrativos atuantes no terreno desde sempre. Algumas há séculos, como as Misericórdias e as Mutualidades. A própria Constituição o consagra, ao referir o contributo dado pelas instituições particulares de solidariedade social com vista à prossecução dos objetivos de solidariedade social, que ela própria consigna (art 63^o, 5).

Aqui chegados, o que em matéria de combate à pobreza é feito em Portugal é executado ou pelas autarquias ou por instituições de solidariedade social. E pergunta-se: isso é mau? Entendo que não. Contudo, é preciso analisar como. As Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) são executantes, o Estado é fiscalizador e financiador. Todavia, não pode descuidar qualquer uma destas competências. Custa-me muito encontrar cada vez mais indícios de que o Estado descuidava a componente financiadora e isso não pode acontecer. Por um lado, porque as instituições não têm os recursos financeiros nem forma de os angariar; mas, por outro lado, temo que possamos, um dia destes, constatar que o Estado voltou a ser meramente supletivo. E isso é muito grave.

O défice de alocação de recursos públicos, quer humanos quer financeiros, à execução das políticas e programas no âmbito da solidariedade social vai ainda pôr em causa, senão mesmo inviabilizar, um objetivo governamental, de que sou adepto fervoroso, que é a transferência de competências para as autarquias, nomeadamente no âmbito da Ação Social. Sem querer assacar responsabilidades a quem quer que seja, mas apenas constatando factos, e também falando

daquilo que conheço, praticamente tudo o que é execução de programas de apoio a pessoas e famílias e combate à pobreza é assegurado pelas equipas das IPSS. E se era preciso prova para demonstrar que a transferência de competências para as autarquias, nesta matéria, é correta e necessária, ela está no facto de que, ao longo de todo o país, as IPSS não se sentem sós neste combate porque têm sempre o suporte técnico, operacional e financeiro das autarquias, muitas vezes atuando para lá das suas competências formais.

A sociedade portuguesa veio de crise em crise até que mergulhou no cúmulo de todas as crises que é a pandemia. Somos herdeiros de todas as conquistas do século XX, em particular a do reconhecimento dos direitos da pessoa humana. Mas, “direito que não é exercido não é direito nem é nada” e, por isso, o combate à pobreza deve ser assumido como grande desígnio nacional.

A característica essencial dos programas de combate à pobreza, quer na conceção, regulamentação e execução, é que sejam respeitadores da dignidade da pessoa a apoiar, tendo sempre como objetivo marcado a promoção da sua autonomização. Por outro lado, devem ser flexíveis e diversificados, de forma a permitir que, na execução, possam adequar-se à diversidade dos seus destinatários.

Mas os programas sociais têm também de ser perenes. A sua vigência não pode estar dependente de ciclos eleitorais. Infelizmente não é o que tem ocorrido, sendo o Rendimento Social de Inserção (que até de nome mudou) paradigma das “modas” criadas e/ou promovidas por agentes políticos ou sociais e insufladas pela comunicação social. É preciso que a sociedade portuguesa assumisse este desígnio, podendo isso ser conseguido pela procura de uma consensualização política por quem exerce cargos políticos e dos partidos políticos, enquanto estruturas promotoras da alternância democrática através de apresentação de candidaturas eleitorais.

Nunca como hoje, e a pandemia pode ser o “murro no estômago” que estávamos a merecer, tivemos consciência tão apurada da verdade da frase que um dia terá dito o Eng.^o António Guterres “se não tomamos conta dos pobres, tomam eles conta de nós”.

A pobreza sai-nos muito cara. Entendamo-nos quanto a isso.



RUI ANDRÉ
Presidente da Câmara Municipal de Monchique e vice-provedor da Misericórdia de Monchique

Memórias (de) vidas perdidas nos números da pandemia

Ao longo do último e atípico ano, vários rostos, especialistas, mapas e gráficos foram dando conta, em infindas conferências de imprensa, da situação epidemiológica do país, sempre com a complacente cobertura da generalidade dos órgãos de comunicação social. Escondia-se, porém, um vazio noticioso enorme que sempre esteve para além do detalhe dos números.

Esta quase obsessão pelos números e constante verborreia de informação só conseguiu mesmo inundar os cidadãos com números astronómicos e fleumáticos que, às tantas, a maioria dos portugueses acabou mesmo por ignorar, principalmente quando estes números transpuseram as centenas, passaram para os milhares e, depois, para os milhões.

Da indiferença e inutilidade destes números à instalação de um medo generalizado por parte de toda a população, foi um ápice, deixando que este novo sentimento relegasse para segundo plano outros aspetos desta espécie de fenómeno social de aceitação e resignação aos números que diariamente nos entram em casa pela televisão. Na verdade, esta quase habituação está tão distante da nossa eventual mudança de comportamento quanto próximo esteja o facto de entre as vítimas estar algum familiar ou conhecido nosso.

Optei por isso, enquanto presidente de uma autarquia e enquanto responsável pela comunicação desta pandemia naquele concelho que as informações acerca das vítimas mortais não se poderiam, de forma alguma, diminuir a um frio e abstrato número, até porque os próprios números podem dar uma ideia inversa de sucesso ou insucesso, de melhoria ou o seu contrário.

As manchetes de jornais e aberturas de jornais televisivos com os gigantescos e redondos números dando conta de “X” milhões de casos positivos ou de “Y” milhares de mortos - 801.746 casos de Covid-19 e 16.185 mortes agora, mais algumas daqui a uma hora e muitos mais amanhã ou depois e depois - sobrepõem-se aos números dos casos recuperados ou que, entretanto, saíram dos cuidados intensivos. Na verdade, a redução do número de casos nos cuidados intensivos pode simplesmente dizer que esses doentes faleceram. É, pois, um sinal dado como positivo



PAULO CAETANO

Provedor da Misericórdia de Seia

que na prática pode corresponder à pior das notícias.

A frieza dos números e das estatísticas não é mais do que a alimentação de uma angustiante novela sobre a desumanização de uma tragédia coletiva que estamos a viver ainda.

As pessoas que perdemos todos os dias são avós, pais, filhos, colegas de trabalho e amigos com família que também sofrem com cada uma destas mortes que a estatística esconde. Estes últimos, também eles vítimas desta pandemia, não são números pois aparentemente estão fora dos números, tal como todos aqueles que estão a vivenciar esta pandemia e o confinamento de forma mais intensa e que serão, lamentavelmente, um problema, quem sabe, também um número ao nível da saúde mental no futuro.

Os factos são algo incontornável e indesmentível, quaisquer que sejam os nossos desejos ou paixões não conseguem de forma alguma alterar estes factos e as suas evidências. Contudo, por detrás dos números desta pandemia estão histórias de milhares de pessoas, por detrás das inúmeras conferências de imprensa, há familiares e amigos que são forçados a um luto solitário após perderem os seus entes queridos para esta terrível doença. Há memórias (de)vidas que não podem desaparecer nos cálculos da estatística. Pessoas que deixam memórias que são justas e merecidas, memórias devidas e de vidas que marcaram todos aqueles que não se conformam que estas vidas perdidas se tornem apenas números estatísticos.

Cabe, pois, a cada um de nós prestar a devida homenagem às vítimas, não permitido a vulgarização da morte e valorizando todo o legado e memórias que cada uma destas vidas perdidas nos deixou.

O nosso país tem um histórico pouco recomendável de investimentos em perpetuar memórias, por exemplo em forma de memorial (veja-se o que está proposto para as vítimas dos incêndios de Pedrógão) e por isso não vou propor qualquer memorial. Contudo não podemos deixar de vincar este momento histórico da nossa vida quotidiana mais recente e de encerrar de forma clara os rituais de luto que ficaram por cumprir em tantos lares do nosso país.

Os tempos atuais vulgarizaram conceitos como a morte, a doença, a infeção, o estado de emergência, os números... ou seja, tornou-os naturais.

E de facto, morrer sempre foi algo de tão natural como nascer. Mas raras são as mortes desprovidas de um processo de luto como aquelas que temos assistido ao longo desta pandemia, também ela já vulgarizada ou aborrecidamente aceite como natural.

Presto por isso uma sentida homenagem a todas as vidas perdidas neste último ano no nosso país e no mundo. **VM**

Pandemia e resposta social: mudança de paradigma

Centrados no combate ao atual contexto da Covid-19, não devemos fechar o horizonte de reflexão e preparação do pós-pandemia. Sim, porque o mundo vai sair, quando acordar deste combate, mais fragilizado, sem recursos e com a mais severa crise económica e social que alguma vez conheceu em tempo de paz.

Penso, modestamente, que é altura de rever, fria e desapassionadamente, todos os conceitos onde assenta o desenvolvimento do chamado Estado Social, bem como recomeçar o debate pelos “novos modelos e novas políticas sociais”, que têm de nos trazer à realidade do “novo” Portugal, sem descuidar outros contextos, como sejam as dimensões sociais e económicas e os conceitos ideológicos e conceptuais.

Esta crise trouxe a descoberto graves problemas sem visibilidade pública até agora e revelou grandes fragilidades, com consequências económicas e sociais, que não são iguais para todos. Felizmente, esta crise revelou, também, as forças que permitiram responder melhor na proteção social, nas condições de saúde pública e na necessidade de preservação do tecido económico e social. Aliás, verdade seja dita, que se houve Ministério desperto e ativo, foi o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, que procurou manter vivo o sonho de uma vida digna e sempre esteve presente na procura de soluções para as empresas.

O pós-pandemia pressupõe a implementação de um plano de recuperação económico-social inclusivo, que evite certos erros do passado e inclua um novo modelo de proteção social, que garanta a pessoas e instituições a efetiva concretização dos direitos e deveres sociais.

Por outro lado, não devemos cair no pensamento, já antigo, de que devemos mudar tudo, para no fim, tudo ficar na mesma. Detetámos durante este ano de pandemia que temos de melhorar muitas formas de atuação ao nível de funcionamento e financiamento. E queria começar por aqui.

Perante as respostas do setor social à pandemia de Covid-19 verificou-se que essas mesmas respostas ficaram aquém no que toca, por exemplo, (1) às condições físicas para acolher os idosos em condições, (2) as condições técnicas para os devidos cuidados de saúde física e mental, (3) os meios financeiros para suportar estas duas situações

e, por fim, mas não menos importante, (4) a falta de pessoal auxiliar qualificado para trabalhar. De realçar neste ponto, a necessária formação e motivação para estas funções, já que, à semelhança de outras carreiras, tem de haver algum tipo de incentivo, de aposta e valorização da profissão, porque senão quem cuidará das próximas gerações?

Está em cima da mesa a revisão do Pacto Social, que já tem 25 anos e que já não está ajustado à realidade em que vivemos. Esta adaptação implica, sobretudo, uma reavaliação e redefinição das políticas sociais de forma a assegurar uma maior eficiência nas respostas dadas.

Desta forma, para responder positivamente às questões levantadas, o novo Pacto Social ou outro nome que se lhe venham a dar, tem de redefinir as atividades e propósitos das estruturas residenciais para pessoas idosas (ERPI) e das unidades de cuidados continuados integrados (UCCI). Em ambas é preciso rever o modelo de funcionamento e financiamento.

Se as ERPI não se tivessem transformado, ao longo dos anos, em hospitais de retaguarda, talvez não tivessem morrido de Covid tantos homens e mulheres que lutaram a vida toda e perderam esta última batalha. É urgente (re)definir qual o papel/função de um lar/ERPI e ampliar as respostas das UCCI e, depois, dotá-los dos meios – humanos e financeiros – capazes de responder com a tal eficácia e eficiência, que o ser humano precisa e merece.

Objetivamente as Misericórdias/IPSS recebem de participação social cerca de 400 euros mensais por utente, sendo que o custo real de funcionamento por utente, é superior a 1100 euros. Pergunta-se: quem paga o restante valor, sendo que neste interior do País a média das reformas não ultrapassa os 350/400 euros mensais?

Por fim, referir que se o Estado reconhece – e bem – a necessidade de parcerias ao nível local com as Misericórdias/IPSS por forma a exercer uma maior eficácia e eficiência financeira e proximidade de intervenção social, tem de dotar esses mesmos parceiros de mais e melhores meios, sabendo de antemão, que os vários parceiros definem com mais perspicácia as estratégias de ação e envolvem a própria população na procura das soluções mais adequadas aos problemas sociais. **VM**

Esta crise trouxe a descoberto graves problemas sem visibilidade pública até agora e revelou grandes fragilidades, com consequências económicas e sociais, que não são iguais para todos.

Alimentar as famílias



Apoio alimentar Em todo o país, as Misericórdias tentam responder ao aumento de pedidos das famílias em situação de vulnerabilidade, por desemprego e quebra de rendimento decorrentes da pandemia

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**



Em todo o país, Misericórdias, autarquias e outras entidades reforçam a sua capacidade de intervenção, ao nível da entrega de refeições, cabazes de alimentos, medicamentos e outros bens essenciais, para responder ao aumento de pedidos das famílias em situação de vulnerabilidade, por desemprego e quebra de rendimento decorrentes da pandemia. Os pedidos atingem proporções inéditas e nalgumas localidades já somam listas de espera, apesar dos esforços para aumentar a capacidade de resposta socorrendo-se de sinergias locais.

Misericórdias e instituições responsáveis por operacionalizar os apoios no terreno relatam situações “limite” de famílias (monoparentais, biparentais, alargadas, etc.) que viram os seus rendimentos reduzidos devido à situação de desemprego e de lay off ou cujas necessidades foram agravadas com os confinamentos sucessivos. Mas há também idosos, pessoas isoladas ou em situação de isolamento profilático, sem retaguarda familiar.

Em Sintra, “mega concelho com 450 mil habitantes, 15 paróquias, 11 juntas de freguesia

e 42 organizações”, o provedor Manuel Costa e Oliveira adianta que a solução encontrada foi “criar grande cumplicidade com os sintrenses e trabalhar em rede com todas as entidades”.

Quando as prateleiras do armazém ficaram vazias, em abril, para responder ao aumento da procura (mais 100 novas famílias, a juntar às 182 de início de janeiro), a estratégia passou por aumentar a rede de doadores e parceiros. “O ano de 2020 foi de muitas dificuldades, mas também de novas oportunidades de crescimento, tivemos de deitar mãos à obra para conseguir bens de primeira necessidade, com muita criatividade e ajuda de empresas, agricultores, cooperativas, associações e aí devo dizer que a autarquia foi incedível”.

Desde então, a prioridade tem sido rentabilizar o potencial das sinergias, aumentar e melhorar o apoio prestado, de modo a garantir não apenas as necessidades básicas, mas nutrir de forma completa e variada. “Os nossos cabazes são um ponto de honra porque são enriquecidos com frutas e hortícolas, carne, peixe e papas de bebé [nem sempre presentes nos cabazes]. A zona norte do concelho é hortícola e não raras vezes esses produtores enchem-nos as prateleiras e as arcas. Centramos muita atenção nas frutas e hortícolas para não serem apenas enlatados”.

A título de exemplo destaca doações de 7800 pacotes de leite (Lactaço), 400 quilos de perca ou 10 toneladas de melão (produtor de Rio Maior), ressaltando que os excedentes são canalizados para entidades parceiras para evitar o desperdício e aumentar o impacto da ajuda.

No concelho do Seixal, mais precisamente nas freguesias do Seixal e Paio Pires, a Misericórdia assegura a distribuição de cabazes junto de 354 beneficiários (136 famílias), ao abrigo do Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas. “O protocolo inicial era para 161 beneficiários, mas desde março houve sucessivos aumentos, passando a 354 destinatários em setembro. Já temos lista de espera [29 pessoas], mas não podemos exceder este limite”, adiantou Maria Teresa Nunes, mesária responsável pela gestão do POAPMC na Santa Casa do Seixal.

Entre os beneficiários, há famílias com menores de idade (cerca de 50% das famílias apoiadas), indivíduos isolados, desempregados de longa duração ou pessoas que perderam rendimentos na sequência da pandemia. “Muitos estiveram até à última para pedir ajuda porque têm dificuldade em aceitar e dizem-nos que antes tinham a vida orientada. Quando vão buscar os alimentos, noto muito desânimo e que precisam de falar, há muitos casos de pobreza envergonhada e situações de grande fragilidade emocional”, comenta.

Em ambas as Misericórdias, o apoio alimentar é integrado numa intervenção mais abrangente, que inclui o acompanhamento social das famílias e que, no caso de Sintra, despoletou a criação de um novo serviço direcionado para a formação profissional e inclusão no mercado de trabalho. Iniciado em outubro, o Centro de Inclusão Profissional acompanha, neste momento, cerca de 30 desempregados na integração laboral e “mudança efetiva de vida”.

Na Misericórdia do Montijo a situação é semelhante. No último mês, chegaram oito novas famílias à cantina social, a maioria em idade ativa e com filhos. Cármen Fevereiro, diretora técnica desta resposta social, conta-nos que em muitos casos “chegam em situações extremas, por não conseguirem fazer face às despesas, e quando não são os próprios a procurar ajuda, por vergonha, são os vizinhos ou familiares que o fazem”. Para salvaguardar a privacidade destas famílias, a equipa tem a preocupação de agendar a recolha dos cabazes de alimentos em horários desfasados.

Neste momento, a Santa Casa garante a distribuição de cabazes a 58 famílias e a confeção de refeições diárias a 43 utentes e 50 famílias do programa de emergência alimentar. Desde março de 2020, notam que a procura disparou, acentuando-se novamente em setembro, passando, no caso dos cabazes, de uma média de 35 para 58 famílias apoiadas (número atual). A não ser que os donativos aumentem substancialmente, a equipa garante que este apoio está no limite da capacidade, estando apenas disponíveis para ajudar casos pontuais e de emergência.

À Misericórdia do Montijo chegam também pedidos de ajuda de jovens mães, em situações de vulnerabilidade, onde se incluem imigrantes sem contrato de trabalho ou proteção social. “Algumas chegaram em janeiro ou fevereiro de 2020, com contratos de trabalho apalavrados que não avançaram, não reúnem condições para se regularizar e não conseguiram regressar ao país de origem”, detalha Carolina Alves, técnica responsável pelo centro de apoio à vida, que acompanha neste momento 45 pessoas. As necessidades imediatas são asseguradas com recurso a donativos e incluem, entre outros, produtos de higiene, alimentação e formação das mães.

As histórias multiplicam-se em todo o país e as Misericórdias respondem a esse apelo com criatividade, zelo e entreaajuda. Em Vila do Conde, duplicou o número de pessoas apoiadas pela Santa Casa, sendo neste momento entregues mais de 900 cabazes todos os meses (face a uma média de 400). A Misericórdia continua também a servir cerca de 150 refeições diárias a pessoas com dificuldades, sem abrigo ou sem condições para cozinhar em casa, atingido uma média de 4500 por mês. “Temos notado que muitas famílias têm condições de confeccionar as refeições, mas não têm dinheiro para comprar os alimentos. Tivemos um grande aumento da procura nas cantinas sociais, mas nesta segunda vaga o aumento foi nos cabazes. É outro nível de carenciados, necessitam de apoio de alimentos”, adiantou o provedor Rui Maia.

Atentas às necessidades das comunidades, em cada momento, as instituições respondem aos pedidos (pontuais ou recorrentes) que surgem, em estreita articulação com a rede local, aproveitando a capacidade instalada e os recursos disponíveis. Destacamos, nesse âmbito, exemplos como o de Salvaterra de Magos, onde a Santa Casa assegurou de forma mais regular a confeção de refeição para indivíduos e famílias carenciadas, de abril a dezembro. Entretanto, os pedidos cessaram, mas a qualquer momento estão prontos para reativar este apoio.

DESTAQUE 1

‘Temos de ser rigorosos e rápidos’

Apoio alimentar Os pedidos de ajuda alimentar dispararam em 2020, na sequência do aumento do desemprego e encerramento de atividades durante o confinamento, fazendo engrossar as listas de espera para aceder ao Programa Operacional de Apoio às Pessoas mais Carenciadas (POAPMC). Para fazer face a esta realidade, o Governo decidiu duplicar a oferta de cabazes (60 para 120 mil pessoas), em 2020, e tem em vista a adoção de um sistema de cartões eletrónicos recarregáveis para atribuir ajuda alimentar aos beneficiários do POAPMC.

Comentando esta realidade, o presidente da UMP recomendou celeridade e rigor na aplicação das verbas provenientes do Fundo de Auxílio Europeu às Pessoas mais Carenciadas. “Todas as soluções que asseguram que os recursos são colocados à disposição das pessoas são positivas. Tudo o que facilite o acesso e não estigmatize é bom. Mas temos de ser rigorosos e rápidos, não podemos ficar à espera de um programa que só vem daqui a três meses. Acredito que ninguém ficará sem sopa e água, mas temos de reforçar a cooperação e o Estado tem de ser célere a facultar os meios para que as famílias possam aceder a pacotes básicos de alimentos e continuem a viver com dignidade”, defendeu Manuel de Lemos.

Em entrevista à TVI24, no dia 15 de fevereiro, o presidente do Secretariado Nacional da UMP alertou ainda para a gravidade dos números reportados pelas Misericórdias, que atestam o aumento da procura a partir do primeiro confinamento, sobretudo nas zonas urbanas, e agora de forma mais acentuada no início de 2021, à semelhança de outras instituições. “Os números relatados são muitíssimo preocupantes, muito maiores do que no primeiro confinamento”.

Em relação ao perfil das famílias que procuram apoio alimentar, Manuel de Lemos adianta: “são os velhos pobres, acrescidos das pessoas que por força deste confinamento e da interrupção da economia ficaram impossibilitados de exercer a sua profissão, pessoas que tinham a vida orientada e os seus empregos e que se viram privados dos seus rendimentos”.

O POAPMC, coordenado pelo Instituto de Segurança Social, é cofinanciado pelo Fundo Europeu de Auxílio às Pessoas mais Carenciadas e recorre a centenas de entidades espalhadas por todo o país, onde se incluem as Misericórdias, que funcionam como polos de receção ou entidades mediadoras, que todos os meses recebem alimentos e os entregam às famílias.

120 000

O Programa Operacional de Apoio às Pessoas mais Carenciadas (POAPMC), instrumento de combate à pobreza e à exclusão social financiado por fundos europeus, foi reforçado pelo governo em 2020, com um aumento da oferta de cabazes de 60 mil para 120 mil, mas o número de pedidos de ajuda tem aumentado nos últimos tempos e há zonas do país que já não conseguem dar resposta a todas as pessoas, somando listas de espera.

400 000

No fim de dezembro de 2020, o número de desempregados inscritos nos centros de emprego era superior a 400 mil, registando um aumento de 29,6% face a 2019, num total de 91 722 pessoas. Segundo dados do IEFP, destacam-se neste grupo as mulheres, adultos com idade igual ou superior a 25 anos, os inscritos há menos de um ano, os que procuravam novo emprego e os que possuem como habilitação escolar o secundário.

10 000

Entre abril e setembro de 2020, a Misericórdia de Sintra distribuiu mais de 10 mil cabazes de bens alimentares a uma média de cerca de 304 famílias (122 novas famílias a partir de março). Neste período, a Santa Casa assegurou ainda a entrega de 1920 refeições no refeitório e 4184 na cantina social e distribuiu 5073 kits de refeições no domicílio a pessoas em situação vulnerável (infetados, isolados, em confinamento), no âmbito de parceria com autarquia.

Apoio social a aumentar desde o início da pandemia

Pobreza Cantina e loja social da Misericórdia de Évora têm vindo a registar aumento de procura por parte das famílias

TEXTO JOANA MOUQUINHO
PENDERLICO

Sob o lema de pôr em prática as obras de misericórdia, a Santa Casa de Évora tem em funcionamento um vasto leque de apoios para abranger todos os membros da comunidade que deles necessitem. Os números deste trabalho têm vindo a aumentar desde o início da pandemia.

Um dos apoios prestado é através da cantina social, a funcionar desde 2013, que serve refeições já confeccionadas, sobretudo a “pessoas dependentes de subsídios, mas também a pessoas que estão empregadas em situações precárias”, explica a técnica Lurdes Fragoso.

No entanto, com a pandemia, o número de pedidos aumentou exponencialmente. Antes do período pandémico esta cantina servia cerca de 2500 refeições por mês e agora ultrapassa as 7000. Na generalidade os beneficiários são “homens e pessoas em situação de sem-abrigo”. Porém, “nos últimos tempos [devido à Covid-19] aumentaram os pedidos por parte de famílias”.

Além da cantina, a Misericórdia trabalha a integração dessas pessoas pela via do mercado de trabalho através do programa Incorpora, implementado há dois anos. Este é um programa de procura e oferta, havendo “um trabalho de prospeção no terreno em que se verifica o que as empresas necessitam e qual o perfil de

pessoa que pretendem”, indo ao encontro das suas necessidades.

O programa é considerado de excelência por não se limitar a integrar pessoas para “ter um número”. Como explica Lurdes Fragoso, existe um acompanhamento no qual “os técnicos vão ao terreno ver se o perfil da pessoa integrada se adequa”. O acompanhamento é feito em todas as fases do processo, inclusive após a integração.

Em 2019 foram integradas cerca de 20 pessoas. Em 2020 o número dobrou, tendo havido 45 integrações. Houve muita procura “de emergência de pessoas que de repente ficaram sem emprego e precisam urgentemente de uma resposta”, refere a técnica.

Para apoiar população carenciada, a Misericórdia de Évora também tem, desde 2015, a loja social Ponto DAR+, cujo objetivo é a satisfação de necessidades emergentes através da entrega de roupas, mobiliário, brinquedos e outros equipamentos, provenientes de donativos.

A loja social doou em janeiro e fevereiro de 2020 - antes da pandemia - mais de 400 peças de roupa. Em março esteve fechada, mas não por muito tempo pois “as solicitações eram muitas”, como afirma Lurdes Fragoso, e reabriu em abril. Desde então são doadas mais de 1000 peças por mês e chegam ao local pessoas de todas as faixas etárias e níveis sociais, vítimas da crise que a pandemia originou e que se encontram agora em situação de desemprego e sem rendimentos.

No entanto, a ação da Santa Casa não se limita apenas ao momento em que a pessoa se dirige à loja. Segundo Lurdes Fragoso, “quando é acionado o plano de contingência do frio a Santa Casa distribui agasalhos, bebidas quentes, cobertores, lençóis aos sem-abrigo”.

Paralelamente e com o intuito de ajudar mais pessoas, é realizado duas vezes por ano o “Estendal Solidário”. Segundo conta o provedor Francisco Figueira, esta iniciativa é “de extrema importância” pois “ninguém pergunta nada a ninguém”. Isto é, respeita-se a privacidade porque algumas pessoas “podem ter complexos em identificar-se e nesta iniciativa não precisam de o fazer”.

O “Estendal Solidário” realiza-se num jardim onde são colocadas várias peças de roupa e onde quem passa tanto pode tirar uma peça como deixar, existem as duas vertentes. Esta iniciativa regista uma média de cerca de 1000 pessoas a frequentar o espaço.

Além desses apoios, a Santa Casa de Évora também assegura funerais sociais. Como explica o provedor, sempre que haja falecimentos de pessoas que “não têm ninguém que os enterre, nós fazemos o funeral”. A Misericórdia assegura o funeral de todos aqueles que morrem e cujo corpo não é reclamado ao fim de algum tempo. Nas situações em que este apoio é solicitado pelas famílias que não têm possibilidade financeira de prestar o serviço funerário ao seu ente falecido, não é cobrado “nada a ninguém”, afirma Francisco Figueira.

No ano de 2020 a instituição realizou sete funerais deste tipo, sendo que em janeiro de 2021 já foram realizados três, prevendo-se neste ano um aumento do número de funerais sociais. 



*Consumo combinado de energia em kWh/100km: 26,9 a 35,5 kWh; emissões de CO2 combinadas em g/km: 0. Imagem das viaturas não contratual. Os dados relativos ao consumo e autonomia foram determinados com base no Regulamento 2017/1151/EU e dependem da configuração do veículo e do estilo de condução individual.

Novos Mercedes-Benz eVito e eSprinter. 100% Elétricos. 100% Eficientes.

Adira à mobilidade elétrica com a Carclasse. O Ambiente agradece e a sua empresa também.

Sejam quais forem as suas necessidades ou objetivos, os veículos comerciais ligeiros Mercedes-Benz ajudam-no a atingir as suas metas com a fiabilidade, conforto, sofisticação e segurança que só o mundo Mercedes-Benz lhe oferece. Agora de forma 100% elétrica e 100% eficiente.

Carclasse a sua Mobilidade é a nossa Missão.

Peça já a sua proposta

808 200 808

Mercedes-Benz



Carclasse

Braga - Barcelos - Famalicão - Viana do Castelo - Guimarães - Lisboa - www.carclasse.pt - info@carclasse.pt

Acolher os filhos dos profissionais essenciais

Infância Muitas Santas Casas foram sinalizadas para acolhimento em creche e pré-escolar dos filhos dos profissionais considerados essenciais no âmbito do estado de emergência

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Por todo o país, creches e estabelecimentos de pré-escolar das Misericórdias foram sinalizados para acolhimento de filhos dos trabalhadores de serviços essenciais. O VM falou com algumas Santas Casas e o sentimento é de responsabilidade e dever cumprido. Por um lado, pela confiança dos pais que entregam os seus filhos numa instituição que não conhecem. Por outro, o dever de apoiar os profissionais essenciais para que estes possam trabalhar com tranquilidade. Entre 503 respostas identificadas pela Segurança Social, 98 são de Misericórdias.

“Todos os colaboradores ficaram contentes com a notícia de que íamos ficar como creche de acolhimento desta área geográfica. Primeiro porque continuam no estabelecimento e depois porque todos temos a consciência de que é fundamental para estes pais terem onde deixar as crianças durante o horário de trabalho e não estarem preocupados”, explicou a diretora técnica da área de infância da Misericórdia de Chaves. Catarina Pereira contou ainda que a procura por este acolhimento começou por aqueles que já frequentavam a creche, mas logo vieram crianças inscritas noutras instituições, cujas respostas sociais tiveram de fechar.

Na Trofa, o cenário é semelhante. Das 11 crianças acolhidas em creche e pré-escolar, cinco vieram de outras instituições do concelho. A adaptação destas crianças tem sido, segundo a diretora pedagógica da Santa Casa, “boa e muito fácil”.

A transferência das crianças para um espaço que não conhecem pode causar estranheza não só às crianças, mas também aos pais. Para minimizar esta situação, a Misericórdia da Trofa tem optado

12

O encerramento das atividades letivas e não-letivas presenciais foi aprovada em Conselho de Ministros no dia 21 de janeiro e entrou em vigor no dia seguinte. Continuaram a funcionar estabelecimentos de ensino para crianças com necessidades educativas especiais e foram identificados pelos Centros Distritais da Segurança Social os estabelecimentos de acolhimento para os filhos, com idade até aos 12 anos, dos trabalhadores essenciais.

por falar previamente com os pais. Segundo Sílvia Gomes, “assim que a Segurança Social alerta que uma criança vai ser encaminhada para a nossa instituição, entramos em contacto com os pais, esclarecemos normas de funcionamento, a nossa pedagogia, a forma como nos podem contactar e tiramos dúvidas que possam ter”.

Este cuidado, aliado à publicação nas redes sociais e envio por mensagem de fotografias e vídeos das crianças, tem “diminuído um bocadinho a ansiedade dos pais, que nos primeiros dias estavam mais receosos”, afirmou a diretora pedagógica.

98

Entre 503 creches e estabelecimentos de pré-escolar referenciadas pelos Centros Distritais da Segurança Social como sendo de acolhimento, 98 pertencem a Misericórdias. Os pais têm de fazer o pedido na Segurança Social local, que depois encaminha a criança para o estabelecimento adequado e assume o pagamento das despesas, exceto o seguro, nos casos em que crianças são oriundas de outras instituições.

Esta opinião é partilhada pela Misericórdia de Belmonte. Para a diretora pedagógica, Carla Santos, o bom acolhimento das novas crianças deve-se “ao carinho e à dedicação” das equipas e também ao facto de, desta forma, ser possível manter as rotinas familiares, determinantes para pais e filhos. A Santa Casa de Belmonte foi a instituição referenciada pela Segurança Social para receber crianças de creche e pré-escolar e ainda ficou responsável pelo apoio a crianças até aos 12 anos em CAF (Componente de Apoio à Família), que funciona no Centro Escolar local e visa reforçar o conceito de escola a tempo

1

No Cano, a creche de acolhimento da Misericórdia tinha, no dia 9 de fevereiro, apenas uma criança. Ana Rodrigues, diretora pedagógica, explicou ao VM que têm tido “muita procura por parte de pais que têm filhos com 4 anos ou mais, mas como não os podemos acolher (as creches só podem receber crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade) temos encaminhado esses pais para Sousel, onde ficou a funcionar a escola de acolhimento”.

inteiro, permitindo, no atual contexto, dar apoio às crianças com mais de 5 anos durante a teleescola e em horário pós-escolar.

Em Almeirim, a diretora pedagógica, Joana Fernandes Homem, também deu conta de “algum receio de como as crianças e pais se iram adaptar ao colocar os filhos numa instituição que não conhecem”. Mas superada a primeira fase, “está tudo a correr muito bem”, disse a responsável, destacando que a partilha diária das atividades com as famílias e o contacto prévio e de proximidade com os pais tem ajudado a “minimizar preocupações”.

Na vila raiana de Melgaço, a Misericórdia acolhia, a 8 de fevereiro, 16 crianças em creche e 19 no pré-escolar. Ao VM o provedor, Jorge Ribeiro, disse que “é fundamental que estes serviços estejam a funcionar para darmos apoio aos pais que têm de se manter a trabalhar”, mas aponta algumas lacunas no apoio que está a ser prestado.

O provedor diz que “a resposta em termos de horário não é suficiente para muitos pais que desempenham funções essenciais” e, por isso, defende a manutenção dos centros de ocupação de tempos livres (CATL), que podia ser “muito importante para que os trabalhadores tenham condições de cumprir o seu horário com tranquilidade”.

O processo de manter os estabelecimentos de creche e pré-escolar de dezenas de Misericórdias a funcionar está a ser acompanhado pela União das Misericórdias Portuguesas (UMP), que através de circulares tem dado conta às suas associadas de algumas orientações e procedimentos a ter em conta para o acolhimento de crianças no atual contexto de estado de emergência. ♡



SERVIÇOS & PRODUTOS

APROVISIONAMENTO

- Produção de estacionário.
- Consumíveis de papelaria e informáticos.
- Brindes promocionais, Telas, Roll Up's e Flybanners
- Destruição de documentos em segurança.
- Plataforma de compras online: www.fenacamloja365.pt

EQUIPAMENTOS

- Soluções e gestão de equipamentos de impressão das mais conceituadas marcas do mercado.
- Equipamentos de segurança.
- Equipamentos de tratamento de dinheiro.

PRODUÇÃO DOCUMENTAL

- Disponibilização de um abrangente conjunto de serviços e soluções de gestão documental.
- Soluções multicanal em suporte físico e digital.
- Produção e expedição de correspondência para os seus clientes, mediante processos sujeitos a rigoroso controlo de qualidade.



LOJA 365 - A SUA LOJA ONLINE.

www.fenacamloja365.pt



SOFTWARE MISERICÓRDIAS
ECONOMIA SOCIAL

SOLIDÁRIOS CONSIGO DESDE 1995



CONTABILIDADE ESNL



UTENTES CT (CERTIFICADOS ATI)



IMOBILIZADO ESNL



PROCESSOS CLÍNICOS UCC



MÓDULO ORÇAMENTOS



PROCESSOS CLÍNICOS MÓVEL



LANÇAMENTOS AUTOMÁTICOS
NA CONTABILIDADE



CONTROLO DE PRESENÇAS



ORDENADOS



UNIDADES DE SAÚDE
(ADSE / ARS)



GESTÃO DE IMÓVEIS



ACC - ATESTADO CARTA
DE CONDUÇÃO



ASSOCIADOS/IRMÃOS IPSS

entre outras



+ de 40
Aplicações



100% de
Satisfação



+ de 900
Clientes



GRÁTIS
Demonstrações
sem Compromisso



Assistência
Remota



Formação
online



MORADA
Rua dos Cultivados, 255h
4835-044 Guimarães

TELEFONE (+351) 253 408 324
TELEMÓVEL (+351) 939 729 729
EMAIL tsr@tsr.pt

ENCONTRE-NOS EM
www.tsr.pt



MoliCare® Premium Elastic



NOVO

Sistema de fixação
Elástico



muda da fralda
**20%
mais rápida***



6 níveis de absorção



Serviço ao Cliente
Tel. 219 409 920

www.hartmann.pt

PH MoliCare05/2010

Fabricada e Dispositivos Médicos. Leia cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização.
* Die Ergonomy-Experts, comparison of the application of conventional incontinence briefs with MoliCare Premium Elastic, Oct. 2015, Dijon, France.

ESTANTE

**'Quero ser
terapeuta
da fala'****Quando for grande
quero ser terapeuta
da fala**

Texto Cláudia Barriguinha
Ilustração Catarina Marquês
Sana Editora

“No jardim-de-infância dos Sonhos aborda-se o tema das profissões. A educadora Goreti questiona as crianças sobre o que querem ser quando crescerem. Qual não é o seu espanto quando Cacau menciona que quer vir a ser terapeuta da fala! Com a inocência que caracteriza as crianças, Cacau enche a sala de sonhos, com magia e muito amor, por aquela que é uma profissão também ela de afetos. Queres saber o que faz um terapeuta da fala? Embarca nesta aventura com a Cacau e ela explica-te.” A sinopse é do livro infantil “Quando for grande quero ser terapeuta da fala”, de Cláudia Barriguinha e com ilustrações de Catarina Marquês, lançado pela Sana Editora. No prefácio, o então presidente da Sociedade Portuguesa de Terapia da Fala refere “que apesar

de hoje em dia ser uma profissão com algum (re) conhecimento, estou certo de que este livro irá contribuir para a divulgação das diferentes áreas de atuação da terapia da fala”. Destacando que a maior parte das crianças sonha ser “bombeiro, polícia, bailarina, veterinário, professora”, Ricardo Santos enaltece o trabalho de Cláudia Barriguinha por “mostrar às crianças uma profissão diferente”. Ao longo das 36 páginas que dão corpo ao livro, Cacau explica aos colegas quais são as áreas de atuação de um terapeuta da fala. “Um terapeuta da fala pode ajudar os bebés que não querem, nem sabem amar no peito das mães”, “pode também ajudar as meninas e os meninos que têm dificuldade em mastigar e engolir os

alimentos”, “também podem ajudar as crianças ou os adultos que falam muito ou falam alto e bebem pouca água”. “até pode ajudar os cantores e políticos” porque “a voz dessas pessoas fica rouca e muito fraquinha”. “O terapeuta da fala também ajuda as crianças ou os adultos que gaguejam, saltam sílabas e palavras, a falarem com calma para percebermos” e “também pode ser útil quando os velhinhos têm dificuldades em mastigar e em engolir os alimentos”. Este livro infantil é uma aula de criança para crianças sobre a terapia da fala, mas destina-se a miúdos e graúdos com enfoque na informação e prevenção, recorrendo a uma mensagem forte e a uma linguagem acessível a todos os públicos. **VM**

**Acórdãos e Eleições
da Confraria e
Misericórdia da Vila
de Óbidos**

Ricardo Pereira
Misericórdia de Óbidos,
2020

Este livro dá continuidade ao estudo e publicação de obras sobre a história da Misericórdia de Óbidos através da análise dos Acórdãos e Eleições no período de 1887 a 1905 e permitiu concluir que nessa altura a instituição vivia “num estado financeiro débil e de difícil gestão”, pode ler-se na introdução.

**Emergência 366**

Adriano Miranda, Paulo Pimenta (fotografia) e Jorge Velhote (texto)
Edição de autor, 2021

“Emergência 366” é um “exercício de memória sobre a pandemia” dos fotojornalistas Adriano Miranda e Paulo Pimenta, que resulta de um desafio lançado pelo Festival Internacional de Fotografia de Avintes. Esta edição de autor, sem apoios nem fins lucrativos, trata-se de um testemunho de um “ano de pandemia, um ano com um país a várias velocidades”.



adi
higiene, lda.

Innovative solutions for high performance
cleaning and healthcare supplies.



INOVGRUPO

T. 252 218 812

E. geral@inovgrupo.com

M. Rua António Joaquim Campos Monteiro, 700
4780-165 Santo Tirso



HISTÓRIAS COM ROSTO

‘Fui apenas uma gotinha’



Rostos Helena Pedrosa, 40 anos, é psicóloga e responsável pela reabilitação neuropsicológica na Unidade de Cuidados Continuados Bento XVI (UMP), em Fátima, desde o primeiro ano de funcionamento. Em 2021, deparou-se com um desafio inesperado, que colocou à prova os sólidos alicerces pessoais e profissionais: um vírus que entrou na sua casa de afetos e aprendizagem diária. Na transição para 2021, a perspetiva de um “novo ano cheio de esperança, com a reativação de algumas atividades, caiu por terra”. Depois de meses a fio a implementar medidas de proteção contra a Covid-19, depararam-se com os primeiros casos de infeção. “Foi um balde de água fria depois de um caminho extenuante de aprendizagem e reorganização”. Só nesse momento a ameaça, que pairava sobre todos, se tornou real e concreta. “Todos nós já

estivemos confinados, mas nada se compara à vivência de um surto e à gestão prática de toda a incerteza. É muito intenso gerir a preocupação com os profissionais e famílias que estão em casa e encontrar pontos de comunicação no caos, mesmo que controlado”. Todos uniram esforços e foram parte integrante da solução, desempenhando, nalguns casos, papéis inéditos, lembra a psicóloga. “Eu estive lá, como toda a gente, para apoiar no que fosse necessário, mas fui apenas uma gotinha. Sem a contribuição de todos seria incomportável”. Em casa, as mudanças sucederam-se em catadupa. Passou a dormir num quarto isolado, a andar de máscara e a evitar proximidade com os filhos. A filha mais nova, habitualmente entregue aos cuidados dos avós, passou a residir nessa morada para evitar a transmissão do vírus.

PERFIL

Helena Pedrosa, 40 anos, é psicóloga e responsável pela reabilitação neuropsicológica na Unidade de Cuidados Continuados Bento XVI (UMP), em Fátima

Mas a principal mudança aconteceu no final de janeiro quando soube que estava infetada. Ao segundo dia de sintomas marcou o teste de diagnóstico e ficou confinada ao quarto. Todos testaram positivo, exceto o marido. A notícia do diagnóstico, que a impediu de estar junto da equipa, foi recebida com consternação. “Foi uma desilusão e sensação de impotência não poder lá estar, senti que estava a falhar-lhes, por isso agarrei-me às tarefas que conseguia desempenhar em casa”. Durante os 20 dias de isolamento, ficou responsável pela comunicação e apoio às famílias dos utentes, papel assumido desde o início de janeiro. Começava por ligar às equipas de enfermagem para obter a informação clínica relevante e organizava uma escala de telefonemas com os familiares. “As famílias, por um lado, estavam sedentas

para saber a evolução da doença e ter a noção da estabilidade do doente, por outro, queriam saber se os utentes estavam tranquilos, felizes, se se alimentavam bem e pediam para fazer contacto direto por videochamada”, detalha. Nos bastidores e intervalos dos telefonemas, decorriam as brincadeiras dos filhos, com idades entre os 8 e 11 anos, as refeições e tarefas domésticas. Um exercício de “malabarismo” que só foi possível definindo regras: não interromper telefonemas, ajudar a dobrar meias, pôr a mesa e tirar a loiça da máquina, com a recompensa de um jogo de tabuleiro ou outro momento de confraternização no final da jornada de trabalho. “A gestão não é perfeita e há dias imprevisíveis, mas tenho a sorte de ser uma pessoa positiva e tentar focar-me nas soluções e não tanto nos sentimentos negativos”, partilhou dias antes de regressar à unidade onde cresceu como profissional nos últimos oito anos e para o qual projeta metas de desenvolvimento contínuo, ao lado de uma jovem equipa promissora. “Na UCC Bento XVI há uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional muito grande porque podemos acompanhar o percurso dos doentes a tempo inteiro, estabilizá-los, ajudar as famílias a entendê-los e a comunicar com eles de forma mais positiva. O facto de estarmos integrados numa equipa multidisciplinar é muito enriquecedor porque podemos conhecer práticas de áreas complementares, em que o resultado coletivo é muito superior”, partilha.

TEXTO ANA CARGALEIRO
DE FREITAS

Abordagem integrada do doente

O que mais fascina esta profissional de saúde no trabalho que desenvolve é a abordagem multidisciplinar e integrada do doente e a relação de proximidade com as famílias que acompanham. “Estas doenças afetam famílias inteiras, têm repercussões muito grandes. É um processo de sofrimento muito difícil, em que se acumulam perdas e momentos de tensão. Orientá-los para uma instituição como a nossa permite que o processo seja integrado de forma positiva e que se construa um caminho de crescimento, apesar da tristeza”.

Percurso formativo e vocação

O percurso de Helena Pedrosa esteve sempre ligado à neuropsicologia e reabilitação. Licenciada em psicologia (Universidade do Minho), pós-graduada em neuropsicologia e reabilitação (Escola Superior de Saúde) e mestre em neurociências (Universidade de Lisboa), interessou-se, desde os primeiros tempos de formação, pelas repercussões das lesões neurológicas ao nível da cognição, comportamento, afetos e emoções dos doentes. “Foi esse caminho que levou à área das demências e, mais tarde, à UCC Bento XVI”.

Mais de 300 pessoas em webinar sobre PRR

A UMP promoveu um webinar sobre o Plano de Recuperação e Resiliência que esteve em consulta pública até ao dia 1 de março

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

PRR A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) reuniu mais de 300 pessoas num webinar para apresentação do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), que esteve em consulta pública até dia 01 de março. Durante a iniciativa, o presidente da UMP, Manuel de Lemos, deu conta aos participantes do trabalho de análise do PRR que a União tem vindo a desenvolver. A sessão, que decorreu a 25 de fevereiro, também contou com a participação do tesoureiro da UMP, José Rabaça, que está a coordenar a equipa de trabalho criada para o efeito dentro da União. O documento final será apresentado ao governo em conjunto com as restantes entidades do setor social e solidário.

Considerando que o PRR ainda está numa fase preliminar, Manuel de Lemos destacou pontos fortes e fracos do documento, no que respeita à possibilidade de as Misericórdias recorrerem a este financiamento. A propósito da rubrica 'Respostas Sociais', com uma verba atribuída de 583 milhões de euros, o presidente da UMP deu conta dos esforços desenvolvidos para "aumentar a nossa parcela".

"A pandemia colocou a nu diversas fragilidades que já conhecíamos e que já tínhamos identificado, por escrito, junto de vários governos". Por isso, a UMP considera que, no âmbito deste programa financeiro, "vale a pena olhar para o conjunto do setor e tentar protegê-lo".

'Estamos capacitados. Vocês estão capacitados. Há gente muito boa a dirigir instituições, a governá-las e a executar os trabalhos'

Sobre propostas concretas, Manuel de Lemos disse que, além de aumentar a verba destinada à área de atuação do setor, importa, "dentro desta parcela, aumentá-la em si mesma" e uma das propostas passa pela isenção de IVA. Candidaturas que agreguem as três grandes áreas do PRR (Resiliência, Transição Climática e Transição Digital) e viabilizem, desta forma, uma intervenção "transversal e complementar" é outra medida a ser avaliada.

Outra fragilidade do Plano de Recuperação e Resiliência, segundo Manuel de Lemos, está nos blocos Transição Climática e Transição Digital, cujas verbas contemplam, na maioria dos investimentos previstos, o setor público e o setor empresarial. Destacando que as Misericórdias vão ter de passar por um processo de "modernização total" para que estejam preparadas para a "enorme transição digital" que envolverá todas as respostas sociais e de saúde, o presidente da UMP deixou uma pergunta. "Como fazer a transição pública sem interagir com os nossos sistemas?", questionou, fazendo alusão à partilha de informação entre as Misericórdias e as estruturas do Estado.

O modelo de governação do PRR foi igualmente destacado pelo presidente. Além de uma comissão composta por diversos ministérios e uma estrutura de missão (denominada 'Recuperar Portugal'), o programa vai ter uma comissão de acompanhamento que contará com diversas entidades, entre elas a UMP.

"Batemo-nos muito para que houvesse pessoas nossas na comissão nacional de acompanhamento. Considero que é um aspeto positivo e temos de solidificar essa conquista. Estaremos lá em momentos determinantes como a redação do regulamento e a execução do plano".

Depois de comentar outras áreas do PRR, como a formação, o acesso à habitação e o combate à pobreza, Manuel de Lemos concluiu o webinar destacando que o PRR é um instrumento que as Misericórdias e restantes entidades do setor social e solidário devem aproveitar o mais possível, mas sem perder de vista que "não somos os parentes pobres".

"Estamos capacitados. Vocês estão capacitados. Há gente muito boa a dirigir instituições, a governá-las e a executar os trabalhos. Estamos dispostos a colaborar, mas o Estado tem de assumir a sua responsabilidade", concluiu o presidente da UMP. 📞



Santar Livros para combater o isolamento

A Misericórdia de Santar recebeu uma doação de 25 livros temáticos (filosofia, poesia, antropologia, psicologia, entre outros) do Instituto Piaget de Viseu, no âmbito de uma iniciativa que abrangiu seis instituições da região com utentes em confinamento. O objetivo foi valorizar a leitura e a saúde mental num contexto de isolamento social. Numa nota informativa, a provedora Infância Pamplona agradeceu o "gesto de proximidade e solidariedade".

Santo Tirso Formação para rever conceitos

A Misericórdia de Santo Tirso recebeu o Regimento de Cavalaria Nº6, de Braga, para mais uma ação formativa e informativa sobre a Covid-19, no seguimento da que havia já acontecido em outubro de 2020. Segundo nota da Santa Casa, "durante a sessão foram revistos conceitos e procedimentos atualizados, essencialmente no que se refere à prática profissional em ERPI". Estas ações de formação são da responsabilidade do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social em parceria com as Forças Armadas Portuguesas.

Óbidos Agradecer pela ajuda em dias difíceis

O provedor da Misericórdia de Óbidos agradeceu e reconheceu publicamente o esforço feito pela comunidade, voluntários, familiares de utentes, equipa médica, equipa técnica e colaboradores da Santa Casa, durante o surto de Covid-19 na instituição. No agradecimento publicado nas redes sociais, Carlos Orlando Rodrigues destaca os dias de "impotência, ansiedade e preocupação" que só foram possíveis de ultrapassar graças aos "que nos apoiaram".



Bragança Cumprir a tradição com os caretos

A Misericórdia de Bragança festejou o carnaval nas estruturas residenciais para idosos e centro de educação especial, cumprindo a tradição do nordeste transmontano. A festa começou uns dias antes, com a preparação de disfarces, no centro de educação especial, e contou com a visita de uma personagem característica da região, o careto, com os seus trajes exuberantes e coloridos. Em nota informativa, a Santa Casa refere que esta é uma data de "muita diversão e animação", pela alegria e fantasia que transmite.

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

TELS.: 218 110 540 / 218 103 016
FAX: 218 110 545
E-MAIL: jornal@ump.pt

EDITOR:
Bethania Pagin

DESIGN E COMPOSIÇÃO:
Mário Henriques

PUBLICIDADE:
Sandra Sobreiro

PROPRIEDADE:
União das Misericórdias Portuguesas
CONTRIBUINTE: 501 295 097
REDAÇÃO/EDITOR E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Entrecampos, 9, 1000-151
Lisboa

FUNDADOR:
Manuel Ferreira da Silva

DIRETOR:
Paulo Moreira

COLABORADORES:
Alexandre Rocha
Ana Cargaleiro de Freitas
Filipe Mendes
Isabel Marques Nogueira
Joana Duarte
Joana Mouquinho Penderlico
Maria Anabela Silva
Patrícia Leitão
Paula Brito
Sara Pires Alves
Vera Campos

Vitalino José Santos

ASSINANTES:
jornal@ump.pt
TIRAGEM DO N.º ANTERIOR:
8.000 ex.
REGISTO: 110636
DEPÓSITO LEGAL N.º: 55200/92

ASSINATURA ANUAL:
Benemérita - €20

IMPRESSÃO:
Diário do Minho
Rua de S. Brás, 1 - Gualtar
4710-073 Braga
TEL.: 253 303 170

VER ESTATUTO EDITORIAL:
www.ump.pt/Home/comunicacao/
estatuto-editorial/